

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS - UNIS-MG

interação

Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão

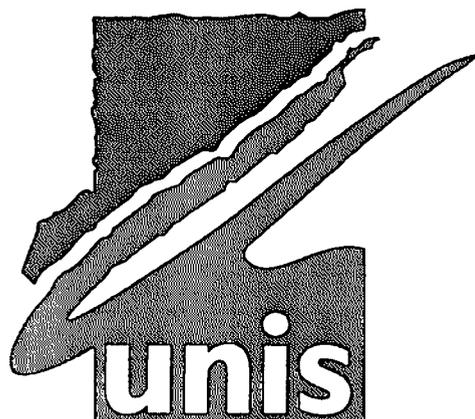
**VOLUME 6
NÚMERO 6
2º SEMESTRE
2002
ISSN 1517-848X**



interação

Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão

UMA PUBLICAÇÃO:



CENTRO UNIVERSITÁRIO
DO SUL DE MINAS

O objetivo da **Revista Interação** é divulgar o conhecimento adquirido através de trabalhos de pesquisa desenvolvidos no Centro Universitário do Sul de Minas e pela comunidade científica geral.

Os artigos publicados são da responsabilidade de seus autores. A publicação total ou parcial dos artigos desta revista é permitida desde que seja feita uma referência adequada.

Revista Interação/ Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão. - v. 6, n 6 - Varginha: Centro Universitário do Sul de Minas, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, 2002.

Semestral

ISSN: 1517 - 848X

I. Periódico de Caráter Geral. I. Centro Universitário do Sul de Minas, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão.

CDD 050

CORRESPONDÊNCIA:

Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG
Av. Cel. José Alves 256 - Vila Pinto - Varginha/MG

CEP: 37010-540

Fone:(35) 3219-5267

Fax: (35) 3219-5251

Site: <http://interacao.unis.edu.br>

e-mail: interacao@unis.edu.br

interação

Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão

Reitor

Prof. Ms. Stefano Barra Gazzola

Vice-Reitora

Profa. Ms. Marina Pimenta Baldan Wendt

Pró-Reitora de Ensino

Profa. Ms. Cleusa Elisabet de Abreu

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Prof. Ms. José Manoel Magalhães Ferreira

Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Prof. Ms. Ronei Ximenes Martins

Diretora do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde - ICBS

Profa. Ms. Márcia Teixeira Bittencourt

Diretor do Instituto de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - ICHSA

Prof. Wellington Espanha Moreira

Diretor do Instituto Superior de Educação - ISEd

Prof. Helder Francis Lima Araújo

Diretor do Instituto de Tecnologia, Engenharia e Ciências Exatas - ITEC

Prof. Estelcy Fávoro Tavares

Coordenadores da Revista Interação

Prof. Dr. Rogério Alexandre A. de Melo
rmelo@unis.edu.br

Prof. Ms. Tadeu Bueno Vasconcelos
tbv-fenva@unis.edu.br

Flaviane Aparecida da Cruz (Bibliotecária)
flavianacruz@unis.edu.br

Editores Assistentes

Profa. Ms. Maria das Graças de Oliveira Prado

Profa. Ms. Cleusa Elisabet de Abreu

Profa. Ms. Nancy Neves

Prof. José Jorge Ribeiro Meirelles

Profa. Maria de Fátima Monnerat Cruz Chaves

Projeto e Planejamento Gráfico

Rodrigo Carlos Pereira
rodrigo@unis.edu.br

Tiragem 2 000 exemplares

interação

Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão

Palavra do Reitor

Muitas têm sido e serão, através dos tempos, as propostas para a Educação. Se fizermos uma análise através dos diversos períodos de sua história, veremos que mudam-se os processos e as solicitações para a atividade educativa, mas permanece a constante de levar o homem à sua realização pessoal.

Cada época, cada povo, cada doutrina dará uma explicação para essa realização do homem. Para uns, será sua integração na Nação, para outros, sua identificação no sobrenatural, realização no todo - no material e no imaterial.

Existem, porém, os que procuram um sentido mais profundo: um homem pessoal, mas também integrado na sociedade. Seria uma perspectiva para um mundo que evolui rapidamente e para a Educação Brasileira que vive um momento grave, como é grave o momento social que vivemos.

A Educação Brasileira, em seus diversos níveis e modalidades, tem deixado a desejar ao apresentar seus resultados. Se, de um lado, seria ingênuo negar que este estado de coisas é o reflexo de uma sociedade que ainda não encontrou os caminhos corajosos de realizar justiça com liberdade e solidariedade, por outro, seria irresponsável não assumir que, a cada educador - mas, sobretudo, ao conjunto de educadores - é possível uma ação significativa no campo da Educação.

O Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG tem procurado fazer isto: buscar, através da reunião de seus educadores, soluções inovadoras para uma prática comprometida com o humano, com o social, com o cultural e preconizar a explicitação das posições pessoais e institucionais, com o único objetivo de contribuir para o aperfeiçoamento da Educação.

Este é o sentido do serviço que presta, através de seus cursos, de seus seminários, de seus projetos inovadores e de suas publicações. Esta revista - *InterAção* - vem sendo e pretende ser cada vez mais o espaço de encontro dos que pensam e fazem Educação, pesquisando, vivendo experiências e compartilhando conosco o fruto de seu trabalho.

O UNIS-MG é isto: compromisso com a Educação e com a Sociedade.

Prof. Ms. Stefano Barra Gazzola
Reitor do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG

interação

Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão

Sumário

1. ARTIGOS

O Caos Urbano das Imagens Ricardo Paiva de Oliveira.....	11
Clonagem Humana - Uma Abordagem Ética José Jorge Ribeiro Meirelles.....	14
A Estratégia do Marketing de Relacionamento em Cooperativas de Crédito Adriano Dias de Carvalho.....	16
Uma Reflexão Sobre as Características Educacionais dos Softwares Ronei Ximenes Martins.....	22
Fatores Determinantes do Sucesso Escolar: Estudo de Caso em uma Instituição de Educação Superior José Lucas P. Bueno, Sofia M. T. da Cunha, Édis M. Lapolli.....	26
Uma Leitura Semiótica e os Limites de uma Nova Linguagem: Dois Poemas Visuais Nancy Neves, Maria do Rosário de F. V. Gregolin.....	34
Padrões Motores Fundamentais: Implicações e Aplicações na Educação Física Infantil Jorge Alberto de Oliveira.....	37
Retratos de um Brasil Erondina L. Barbosa, Elisangela S. Pinto, Karina Nishiyama.....	43

2. NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Normas para Publicação.....	48
Modelo de Publicação.....	49
Assinatura.....	51

O Ensino

do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG

“É um processo permanente de revisão que procura desenvolver uma consciência criadora e crítica, ou seja, aquele potencial humano racional capaz de fazer a leitura dos acontecimentos, da realidade, para ver, para analisar, comparar, julgar, discernir e, finalmente, propor ações de acordo com as exigências do homem que aspira SER MAIS, dentro de um processo histórico.

Nesses termos, há que se criar um inter-relacionamento entre os sujeitos do processo, fundamentado no princípio do incentivo à criatividade, ao debate e ao estudo, marcando com isso a corresponsabilidade de todos em edificar a reflexão crítica fundamentada nos princípios éticos, políticos, epistemológicos, didático-pedagógicos dentro da legislação vigente.”





CURSOS DE GRADUAÇÃO

Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde - I.C.B.S

- Biomedicina
- Enfermagem
- Fisioterapia
- Nutrição

Instituto Superior de Educação - I.S.Ed.

- Educação Física
- História
- Letras
- Matemática
- Normal Superior
- Pedagogia
- Serviço Social

Instituto de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - I.C.H.S.A

- Administração com Gestão em Agronegócios
- Administração com Gestão em Empresas
- Comércio Exterior
- Jornalismo
- Publicidade e Propaganda
- Serviço Social

Instituto de Tecnologia, Engenharia e Ciências Exatas - I.T.E.C.

- Ciência da Computação
- Engenharia Mecânica
- Engenharia de Produção
- Engenharia Química

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Instituto de Tecnologia, Engenharia e Ciências Exatas - I.T.E.C.

- Informática para Educação
- Redes de Computadores
- Gerência de Tecnologia da Informação
- Vigilância Sanitária de Alimentos

Instituto Superior de Educação - I.S.Ed.

- Linguagem Verbal e Visual
- Pedagogia com ênfase em Filosofia para Criança
- Matemática e Ensino
- Treinamento Esportivo de Base
- Psicopedagogia Clínica
- Psicopedagogia Institucional
- Novo Olhar do Supervisor / Coordenador Pedagógico
- Novas Competências para o Educador

A Pesquisa

do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG

“A existência da pesquisa é indissociável das atividades de ensino e de extensão. No Centro Universitário do Sul de Minas, cuja finalidade principal é a excelência do ensino, as atividades de pesquisa são definidas como fator de retroalimentação das atividades de ensino e de extensão. Assim, a pesquisa contribui para a elevação da qualidade dos processos educacionais, melhorando a qualificação docente, contribuindo para a formação do corpo discente e gerando benefícios para a comunidade regional.”

1. Artigos



O CAOS URBANO DAS IMAGENS

Ricardo Paiva de Oliveira ¹

¹ Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS-MG
Instituto de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - ICHSA
Av. Cel. José Alves, 256, Vila Pinto. CEP: 3710-540, Varginha-MG/Brasil
e-mail: ricopaiva@uol.com.br

RESUMO

Este artigo propõe uma reavaliação do conceito do objeto das artes visuais no espaço urbano comparativamente ao amontoado de imagens fabricadas que provocam a perda da qualidade do produto visual. A resultante desta reavaliação é o ponto crítico e cíclico do questionamento: a realidade do analfabeto visual como vítima cultural e como fator agravante na distorção do produto visual criado e o descompromisso do cidadão com o seu meio, fruto da atitude de indiferença causada pelo atropelo imagético urbano.

Palavras-chave: analfabetismo visual, caos imagético, espaço urbano, cidadão

ABSTRACT

This article, *Image's Urban Mess*, suggests a valuation of visual art concept in urban spaces. It's in comparison with the excessive images in cities and the visual product's quality corrupted in its. The townsman is the point of this question: his visual illiteracy and his apparent potential to repeat the same visual concept corrupted. This man in this social body is, at the same time, cultural victim and false producer. Decurrent of this approach is the townsman's indifference: *blasée* attitude.

Key words: visual illiteracy, image's confusion, urban spaces, townsman

INTRODUÇÃO

Nos atuais espaços urbanos, especificamente em seus centros históricos não preservados, há um problema visual relacionado ao planejamento, concepção e implantação da comunicação no plano das imagens. Esse fato nasce da relação emissor-receptor, hoje desconfigurada do modelo fluido original de criação das mensagens visuais e o recebimento, pelo espectador, mediante parâmetros corrompidos de natureza perceptiva e psicológica nele desenvolvidos. Nessa relação mencionada, há um conteúdo imagético a ser transmitido, sem saber se o destinatário está capacitado a entender tal significado frente à realidade de seu analfabetismo visual e à desconexa utilização desse espaço no qual ele e a mensagem estão inseridos. Decorrente disso, e não menos crônico, o espectador-receptor passa a produzir também suas mensagens, baseado em referências visuais distorcidas que resultam no agravamento da problemática da comunicação e na implicação do bem visual da cidade. Esse processo cíclico afeta outros espectadores e compromete a qualidade de vida no meio urbano saturado por informações sem objetivo.

O ponto crítico de discussão desse tema, portanto, é a queda dessa qualidade de vida do cidadão, sua conseqüente mudança de comportamento e a atitude de rejeição em relação ao seu meio visual causada pelos fatores acima citados. Segundo LIMA (2000:60):

"A técnica da vida metropolitana intima a uma pontualidade impessoal na integração de todas as atividades

e relações que são várias e complexas. Essa técnica acaba por direcionar a via numa minuciosa exatidão e precisão formando uma estrutura de subjetividade altamente pessoal. A fugacidade e transitoriedade do cotidiano da vida metropolitana agiriam opressoramente sobre o indivíduo. Sua saída é a racionalização do mundo que o cerca ou a atitude "blasée". Essa atitude é resultante da estimulação excessiva que os indivíduos recebem em suas mentes até um determinado ponto em que não mais sentiriam os estímulos. A indiferença, o enfado, a atitude "blasée" do indivíduo seriam sua adaptação à excessividade dos estímulos e fatores condicionantes, os quais, acrescidos da fluidez da economia monetária, rodeiam na vida metropolitana. A atitude "blasée" na sua natureza embota o poder de discernimento do indivíduo dado que o significado e valores distintos das coisas são destituídos de substância".

A comunicação não ficou limitada à linguagem verbal, alcançou o plano das imagens já que passaram a circundar as pessoas em seus ambientes, sendo parte integrante de suas realidades urbanas, tornando-se acontecimentos visuais e aumentando suas possibilidades de contato com o meio. Para isso, o indivíduo social abriu espaço para toda a potencialidade da dimensão semântica e estética nos conteúdos da imagem, podendo-se, sim, também criar um produto. Os produtos visuais, na atualidade, são vastos: vão desde a sinalização de trânsito à publicidade, da paginação dos periódicos à forma dos objetos, do desenho até a fotografia, desde formas abstratas até as reais, de imagens estáticas a imagens em movimento, de imagens

¹ Ricardo de Paiva Oliveira é Prof. do Curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG

simples a imagens complexas, às artes plásticas, ao cinema.

Essa dimensão visual alcançada só foi possível pelo fato do ser humano possuir tamanha interação mental-sensorial, pois, de acordo com Donis A. Dondis (1997: 229):

“A consciência da substância visual é percebida não apenas através da visão, mas através de todos os sentidos, e não produz segmentos isolados e individuais de informações, mas sim unidades interativas integrais, totalidades que assimilamos diretamente, e com grande velocidade, através da visão e da percepção”.

Os componentes do produto visual, apesar de não oferecerem sistemas estruturais definitivos e absolutos, constituem dados que podem transmitir informações de maneira intencional ou casual. Para essa abordagem no espaço urbano, toda manifestação visual, seja a partir da estética da arte aplicada ou das belas artes, é digna de conceituação e está repleta de significado e, portanto, trata-se de verdadeiros canais de mensagens capazes de informarem, primeiramente, sobre si mesmas e, então, do universo a partir do qual foram elaboradas. Mesmo sendo a manifestação de natureza casual, ainda assim pode-se encontrar nelas o conteúdo imagético, tal qual se encontra naquelas que tenham recebido certa configuração prévia. Assim sendo, *“toda arte é comunicação, vale dizer linguagem, em condições bem mais amplas que o jogo de palavras”* (KELLY, 1972: 11).

A substância do problema deste trabalho está no dilema da diferenciação do que se vê, simples e passivamente, daquilo que se vê e com o qual se interage. Cabe lembrar que a interação, no caso da comunicação visual, significa participação e potencialidade analítica. Tem-se, no olho, um órgão extremamente gratuito e, na visão, uma atitude extremamente natural que, por essas razões, denotam uma falsa facilidade para o cidadão se expressar no seu espaço. Para agravar essa aparente potencialidade, há, ainda, nesse indivíduo, uma realidade de constantes mutações de suas necessidades. Assim, se o produto visual, negligenciado em seus conceitos, deve ser fruto das necessidades desse indivíduo e se esse mesmo indivíduo não mais se identifica com seu espaço, trata-o com o descaso e a rejeição.

Não há qualquer elaboração ou critérios para ver algo ou alguém e, além disso, os produtos ora se interagem, ora se misturam e se confundem dentro do espaço urbano, resultando em confusão visual pela falta de objetividade na comunicação. Uma coisa é a manifestação plena do artista e outra é a interpretação livre e subjetiva do espectador. Portanto, frente a tal subjetiva e instantânea decodificação, torna-se imprescindível nortear os sentidos e o raciocínio e entender que o fato de ver não pressupõe comunicar, pois o alfabetismo visual, isto é, fatores de percepção do equilíbrio, tensão, linhas de visualização, atração, contraste, forma, proporção, apelo afetivo tipográfico, psicodinâmica das cores, linguagem, contextualização e outros, muito além da visão, depende do repertório visual do espectador e de seu aguçamento perceptivo.

Conforme Donis A. Dondis (1997: 227): *“Algo além do simples enxergar, como algo além da simples criação de mensagens visuais. O alfabetismo visual implica compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a um certo nível de*

universalidade”.

Esse compartilhamento citado no alfabetismo visual abrange, inclusive, a liberdade e a opção para não atender, de forma tão intuitiva, a um apelo ou sugestão visual oferecidos. Segundo Rogério Tobias (2001), *“uma pessoa vai dar maior atenção às mensagens que correspondam às suas necessidades mais emergentes”.* Vale, portanto, discutir se o indivíduo está, no meio de suas indiferenças, orientado para exercer sua liberdade ou desorientado o suficiente, já que a grande massa de informações visuais não mais corresponde à decodificação dessas suas necessidades.

A ausência ou ineficiência dessa alfabetização visual favorece uma interpretação arbitrária por parte do espectador/receptor. O mecanismo visual através do qual se vê é esse sistema físico das percepções visuais que, uma vez não desenvolvido, estimulado, disciplinado, assim como nas relações verbais, resulta no analfabetismo. A base dessa desinformação e do desconhecimento acerca das possibilidades de compartilhamento das idéias em seu nível imagético e associativo é uma dupla lacuna cultural existente: a má formação verbal e o apego à forma já testada e aceita.

MÁ FORMAÇÃO VERBAL

A má formação verbal é um fator que leva o indivíduo social a agarrar-se nas práticas visuais aparentemente domináveis como alternativas, pois essa prática parece não constituir um aprendizado e parece também não demandar uma abordagem de critérios e informações. Uma prova disso é que *“entre as populações analfabetas, a eficácia da comunicação visual é inquestionável”* (DONDIS, 1997: 227).

Na verdade, ocorre aqui um efeito irradiante e desastroso em que a ausência da formação verbal provoca a utilização banalizante da linguagem não-verbal e, conseqüentemente, do produto visual. Esse efeito ocorre pelo fato do indivíduo se formar alheio a fatores sintáticos que lhe são pertinentes a partir da possibilidade do desenvolvimento de sua percepção humana.

A banalização visual gera um produto deformado que, por sua utilização repetidas vezes, acaba por estabelecer cânones da usualidade distorcida acerca do universo do conteúdo imagético. Na verdade, ausência e banalização ditam conceitos equivocados, paralelos e insuficientes que nem sequer margeiam uma identidade visual harmônica nos espaços urbanos. Há um verdadeiro hiato entre a teoria e realidade. Melhor seria dizer abismo.

APEGO À FORMA JÁ TESTADA E ACEITA

O desconhecimento dos fatores relacionados ao alfabetismo visual fere a comunicação em todos os sentidos, tanto para o emissor quanto para o receptor, e, principalmente, para este, criando focos de desconexão dentro da linguagem e abrindo espaço para errôneas futuras concepções. O resultado disso é a repetição visual incontida daquilo que já foi usado e aceito, causando certa antítese no próprio produto visual final. Esse processo que se arrasta pode resultar num vicioso ciclo de deformação constante do produto a ser criado, preso sempre à justificativa de já ter sido um eficiente e eficaz produto visual. O apego à forma já aceita, isento da decodificação necessária à nova necessidade, gera equívocos e não comunica. Os indiví-

duos, segundo Rogério Tobias (2001):

"(...) muitas vezes olham e a maioria das coisas lhes passam despercebidas ao seu consciente. Para se defender do volume de comunicação diária, a mente filtra e rejeita muita informação que lhe chega. De uma certa forma a mente somente aceita aquilo que coincide com o seu conhecimento ou com sua experiência anterior".

As forças que impulsionam nossa relação com as imagens podem parecer ilusórias, mas, perceptiva e artisticamente, são reais. Em razão dessa falsa aparência, a falta de refino na acuidade visual do indivíduo acabou forjando uma herança cultural que sedimenta nas pessoas um comportamento alienante, se comparado ao potencial perceptivo que todos são capazes de desenvolver.

Como conseqüência dessas duas lacunas culturais citadas, para Ana Luisa Escorel (2000: 41):

"O resultado é o caos visual, a ruidosa disputa entre informações, a briga pelo olhar. Nada mais deprimente, por exemplo, do que a disposição de estímulos de venda nas zonas comerciais dos grandes centros brasileiros destinadas ao público de baixa renda. A sucessão infundável de letreiros malfeitos e de péssimo gosto convive, estrepitosamente, com toda sorte de promoções e anúncios de produtos, numa coreografia absolutamente letal para quem seja dotado de um par de olhos e de um mínimo de bom senso".

A mudança cíclica de papéis emissor-receptor / receptor-emissor vai sendo acompanhada pela baixa gradativa da qualidade do produto visual. No que se refere ao uso do espaço urbano, é possível que o artista produza um emaranhado de referências visuais que não se interajam, para tentar suprir esse analfabetismo do espectador e construir o espaço urbano humanizado que deseja, porém, percorrendo o caminho errado. O empenho deveria estar na dosagem harmônica de três ordens de fatores e, segundo Ana Luisa Escorel (2000: 25), são eles: *"Fidelidade a si mesmo e às razões determinantes de sua personalidade; o respeito e o interesse pelas tradições da terra natal; a porcentagem de informação nova que destila sobre o repertório do usuário"*.

De qualquer forma, a preservação dos bens culturais passa a ser um fator de extrema relevância e condicionante nesse processo de identificação com o espaço e de identidade consigo mesmo. Se esta identidade não for encontrada nesses dois níveis, o cidadão se vê envolvido por um sentimento de aversão, característica da atitude de indiferença e enfado em relação às imagens.

"Na dinâmica cruel do capitalismo, no entanto, ao invés de um certo grau de controle das informações voltadas para a venda, os países da periferia parecem ter sido condenados a receber toda a sobrecarga gráfica de produtos que, em seus países de origem, tendem a ter a exposição policiada. Por sua vez, a produção de informações originadas na periferia, destinada, da mesma maneira, à difusão dos serviços e dos produtos locais, junta-se ao que vem de fora para também reclamar seu espaço" (ESCOREL, 2000: 41).

No meio de todo esse caos, questiona-se a comunicação visual e o espectador que não está adaptado a uma avalanche geradora de imensa poluição visual e que ainda convive

passivamente com uma utilização sem critérios dos elementos visuais que se desgastam facilmente, acostuma-se ao ambiente deformado, aceita-o como um condicionamento e passa também a contribuir para o processo degenerativo do bem visual urbano sem sequer alcançar o nível da comunicação.

A desorganização desse universo das mensagens gera as citadas alterações na qualidade de vida das pessoas, já que os designers urbanos pressupõem que as atitudes e comportamentos das pessoas sejam influenciados pela qualidade visual de seu ambiente físico. O ambiente urbano, por sua vez, explorado de forma contraditória, passa a negar suas referências e o próprio indivíduo que o compõe.

O princípio da comunicação visual urbana deveria ter como cenário a própria cidade, definido através das relações do homem com o ambiente construído, com a paisagem e com os recursos naturais. Para compreender os meios de comunicação visual é preciso que nosso conhecimento sobre eles se fundamente num critério de grande amplitude, pois, segundo Celso Kelly (1972, p.11), *"porque o homem vive na companhia de seus semelhantes, com eles se comunica, e porque ocupa um determinado espaço, nele se reflete o ambiente em que se situa"*.

BIBLIOGRAFIA

- ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual*. 2.ed. São Paulo: Ed. Pioneira, 1974.
- CANEVACCI, M. *Antropologia da comunicação visual*. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2001.
- CARVALHO, I.S. *BH urgente; a cidade está morrendo?*. 1.ed. Belo Horizonte: Ed. Lemi, 1978.
- DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ESCOREL, A. L. *O efeito multiplicador do design*. 2.ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.
- HURLBURT, A. *Layout; o design da página impressa*. 2.ed. São Paulo: Nobel, 1999.
- KELLY, C. *Arte e comunicação*. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1972.
- KLEIN, N. *Sem logo; a tirania das marcas em um planeta vendido*. 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- KOTLER, P. *Marketing público; como atrair investimentos, empresas e turismo para cidades, regiões, estados e países*. 1.ed. São Paulo: Makron Books, 1994.
- LIMA, Márcia C. Senra M. de. *Individualismo: Uma face na trajetória da modernidade*. Interação. Varginha, v.02, p.59-64, 2000.
- MUNARI, B. *Design e comunicação visual*. 1.ed. São Paulo, Martins Fontes. 350p. 1997.
- TOBIAS, Rogério. *Percepções e Marketing*. Estado de Minas, Oportunidades e Negócios. Belo Horizonte. 04/03/01.
- _____. *O Lado Psicológico do Marketing*. Estado de Minas, Oportunidades e Negócios. Belo Horizonte. 11/02/01.
- SANTAELLA, L.; NOTH, W. *Imagem, cognição, semiótica, mídia*. 2.ed. São Paulo: Iluminuras, 1998.

CLONAGEM HUMANA - UMA ABORDAGEM ÉTICA

José Jorge Ribeiro Meirelles ¹

¹ Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS-MG
 Instituto Superior de Educação - ISEd
 Av. Cel. José Alves, 256, Vila Pinto. CEP: 3710-540, Varginha-MG/Brasil
 e-mail: jjorge@ubee-marista.com.br

RESUMO

As discussões éticas sobre a clonagem humana já dividiam as opiniões no campo religioso e laico. O pano de fundo que sedimenta a opinião religiosa está no respeito à identidade humana e espiritual do ser. Já a opinião laica se funda na utilidade das descobertas para aperfeiçoar a raça humana e melhorar a qualidade de vida no planeta. Cabe à Bioética trazer o tema para a discussão e levantar os questionamentos pertinentes ao mesmo.

Palavras-chave: reprodução humana artificial, necessidade/utilidade, eugenia, identidade humano-espiritual, bioética.

ABSTRACT

The ethical discussion about human cloning have already divided the opinions in the religious and laicous field. The background that sediments the religious opinion, is in the respect to the human and spiritual identity of the human being. On the other hand the laicous opinion is based on the usefullness of the discoveries to improve the mankind and life quality of the planet. Concerns to the bioethic to bring the theme into discussion and to araise questions concerning this theme

Key words: artificial human reproduction, utility/necessity, eugenia, identity humane-spiritual, bioetic.

INTRODUÇÃO

Discutir a clonagem humana é tarefa que perpassa as mais diversas abordagens das ciências. As pesquisas no campo científico encontram-se bastante avançadas. No entanto, mister se faz aprofundar uma discussão no campo da ética. O tema é controverso visto que lida com modificações essenciais na reprodução humana.

Tem o presente artigo o objetivo de discutir os limites éticos para as experiências com clonagem humana. Especificamente, visa questionar a reprodução da vida humana em laboratório; avaliar as conseqüências éticas das descobertas científicas no campo da reprodução humana; colocar em discussão os aspectos da identidade humano-espiritual do ser clonado.

Aldaus Huxley no seu conhecido livro *Admirável Mundo Novo* (1932) profetizava esta realidade da clonagem humana setenta anos depois. Falava ela da reprodução humana "feita em laboratório, sem sexo, e as pessoas seriam clonadas de acordo com as exigências da sociedade" ².

A espécie humana precisou de milhões de anos para chegar ao estágio em que se encontra. O limiar da consciência é relativamente recente nesta linha do tempo. A reprodução natural, diante deste ciclo, é, nos seres vivos, um dos fenômenos mais interessantes e intrigantes.

REPRODUÇÃO HUMANA EM LABORATÓRIO

O que leva os cientistas a pesquisar e aplicar com êxito a reprodução da vida de forma artificial? Sem dúvida que é a necessidade. Portanto a abordagem ética terá que avaliar esta necessidade distinguindo as motivações aceitáveis, corretas daquelas injustificáveis.

Outro aspecto realmente dentro desta abordagem é o conceito de utilidade. Argumenta-se que a utilidade da clonagem humana seria para produzir órgãos para transplantes, tão escassos hoje. Ora, o ser humano não é um produto útil onde se usa o que precisa e descarta o que não serve. "Os valores morais existem unicamente em atos ou produtos humanos" ³. A utilidade deve ser descartada como critério para a reprodução humana via clonagem.

CONSEQÜÊNCIAS ÉTICAS DA REPRODUÇÃO POR MEIO DA CLONAGEM

Compete à ética preocupar-se com o desenvolvimento e o bem-estar de cada em-estar de cada órgão, nmesmo, mas em função de todo humano ⁴. A Bioética tem o grande desafio de colocar a questão da clonagem humana observando seus aspectos positivos e negativos. Que conseqüências a curto, médio e longo prazo, trarão a clonagem humana? Nem as ciências biológicas sabem dar uma resposta. Nenhum ser humano foi clonado para

¹ Formação em Filosofia e Teologia. Graduado em Direito. Pós-graduando em Pedagogia com ênfase em Ensino Religioso. Orientador Religioso do Colégio Marista de Varginha. Professor de Filosofia no Curso de Comunicação Social e Filosofia da Educação no Curso Normal Superior do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS e Advogado militante.

² VOMERO, 2001, p. 64.

³ SANCHEZ, 1970, p.129.

⁴ CAMARGO, 1999, p. 98

se aferir as vantagens e desvantagens desta técnica. Sabe-se que a ovelha Dolly, clonada na Inglaterra com sucesso, já apresenta sinais de envelhecimento precoce.

O maior questionamento em torno da clonagem humana passa pela idéia da eugenia. Foi esta idéia que moveu Adolf Hitler a levar uma nação a odiar judeus e negros, pregando a purificação da raça humana com a ascensão da raça ariana ao poder.

As motivações utilitárias e econômicas de cientistas e grupos de geneticistas passam pela idéia de se criar uma raça humana futura de seres superdotados e isentos de qualquer imperfeição no seu genoma. As pessoas portadoras destas 'imperfeições' serão preteridas em relação às clonadas. O acesso a estes recursos será reservado a uma minoria que dispõe de condições financeiras para tal. Uma porcentagem muito pequena de superdotados terá o controle sobre a totalidade dos seres humanos, visto que é portadora de caracteres tidos por superiores.

IDENTIDADE HUMANO-ESPIRITUAL, DA PESSOA CLONADA

A discussão do tema em foco não pode deixar de considerar o aspecto da identidade humano-espiritual da clonagem. Coube aos teólogos mostrar o valor mais profundo do homem: sua dimensão espiritual e transcendente. Afirma a teologia cristã que o homem é um ser único, com identidade própria, livre, possuidor de vontade e autodeterminação. Como fica a identidade do ser que foi copiado, ou seja, clonado de outro ser? Será um novo ser com todos os atributos acima, ou será uma mera cópia?

Uma pessoa clonada, segundo os interesses e utilidades, herdará todos os caracteres da célula somática? Se assim for o ser clonado não será totalmente responsável por seus atos. "Sofrerá, sem dúvida, de alguma forma desafios para a formação da consciência, tais como o preconceito e a alienação. Preconceito por ser uma pessoa diferente. Alienação por não ser totalmente ela mesma, por perder seu poder de decisão e ação"⁵.

CONCLUSÃO

Feitas estas breves considerações, pode-se concluir que a ética tem muito a discutir sobre o tema. Cabe à Bioética pesquisar a fundo as conseqüências positivas e negativas da reprodução humana por meio da clonagem.

A Bioética vai ser determinante para os próximos passos das pesquisas científicas. As motivações devem ser para melhorar a qualidade de vida das pessoas, respeitando sua identidade e individualidade. Este benefício deverá ser estendido a todos e não apenas aos aquinhoados que conseguem custear os elevados dispêndios de uma intervenção cirúrgica como esta.

Por fim, cabe à Bioética definir os princípios fundamentais para as pesquisas científicas determinando sua finalidade; considerar o ser humano na sua integridade e não apenas como coisa que pode ser manipulada e modificada ao sabor de interesses econômicos e utilitários.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho José Jorge R. M. Júnior, com quem já não posso mais gozar da alegria da sua presença física e a quem dedico este singelo trabalho. Agradeço-lhe por tudo que significou e ainda significa de sonho e realização para mim.

À minha esposa Mariluce Vita Aparecida Araujo por ter me incentivado e ter tido o convívio familiar prejudicado para que eu pudesse continuar meus estudos.

À Professora Marília Brasileiro, mestra em educação e na vida, por acreditar no ser humano e no valor da liberdade.

BIBLIOGRAFIA

- CAMARGO, Marculino. *Fundamentos da Ética Geral e Profissional*, Petrópolis: Ed. Vozes: 1999.
- SANCHEZ, Adolfo. *Ética*, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1970.
- VALLS, Álvaro L. M.O que é Ética. 8ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- VOMERO, Maria Fernanda. *HOMEEM EM SÉRIE*. Revista Superinteressante, nº 7, Ano 15, p. 63-67, Jul/2001.

⁵ CAMARGO, 1999, p. 45

A ESTRATÉGIA DO MARKETING DE RELACIONAMENTO EM COOPERATIVAS DE CRÉDITO

Adriano Dias de Carvalho¹

¹ Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS-MG
Instituto de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - ICHSA - Unidade Três Pontas
Praça D'Aparecida, 57, Centro. CEP: 37190-000, Três Pontas-MG/Brasil
e-mail: adrianocarvalho@axnet.com.br

RESUMO

As Cooperativas são os meios, com grande potencial e possibilidades para gerar mudança social muito importante e extremamente útil. Na medida em que atuarem como intermediadoras, podem encontrar trabalho para os excluídos, valorizando as atividades profissionais e emancipando os trabalhadores. Diante das dificuldades, os trabalhadores sentem necessidade de se unirem para enfrentar as dificuldades e mudanças que nosso país está vivendo. Por isso, estão se organizando em Cooperativas como uma forma de valorizar a sua força produtiva e fazer frente à instabilidade econômica. O presente trabalho tem como estudo o aperfeiçoamento técnico dos dirigentes cooperativos, associados e funcionários, bem como a conscientização sobre o sistema cooperativista.

Palavras-chave: relacionamento, oportunidade, associados, sistema cooperativista, marketing

ABSTRACT

The Cooperatives are ways with great potential and possibilities to create very important and extremely useful social changes. As long as acting like intermediary, you can find job for those disenfranchised, outstanding professional activities to emancipate the workers. Due to difficulties, the workers feel the need to join themselves to overcome difficulties and changes that our country is passing through. The present project wants to show the technical improvement of the Cooperatives heads, memberships and employees as well as the awareness on the Cooperative system.

Key words: relationship, opportunity, memberships, cooperative system, marketing

INTRODUÇÃO

A maioria das Cooperativas brasileiras preocupa-se em avaliar periodicamente sua dimensão econômica estudando e analisando a sua capacidade financeira e se esquece de considerar que esse tipo de empresa é também uma sociedade de pessoas que tem como objetivo principal a prestação de serviços a seus associados. O presente artigo adquire importância na medida em que se fundamenta a decisão de focar o cliente.

Segundo Schneider (1984), a maioria das organizações Cooperativas preocupa-se em avaliar permanentemente e periodicamente apenas sua dimensão econômica, não considerando que é também uma sociedade de pessoas que usa (ou deveria usar) a própria organização econômica e a eficiência como instrumentos para melhorar e prestar serviços a seus associados e à comunidade.

A decisão de focar o cliente, através do processo de relacionamento dentro de nossa cooperativa, bem como a sua fidelização foi iniciada antes do processo de capacitação. É importante salientar que a fidelização não é uma ação isolada; trata-se de um processo que tem, necessariamente, solução de uma continuidade.

Com a globalização da economia, o mercado está cada vez

mais competitivo. A publicidade é baseada no conhecimento da natureza humana; quanto mais conhecemos as pessoas, mais conhecemos seus desejos, suas expectativas, seus impulsos e emoções. Assim, conhecendo as pessoas, fica muito mais fácil persuadi-las no seu modo de decidir, principalmente dentro de uma cooperativa, onde todos se conhecem.

Hoje em dia todo esforço está focado na satisfação do cooperado, por isso é importante conhecê-lo, mas para tanto, o mercado exige que os produtos e serviços sejam de boa qualidade. As taxas de juros competitivas já não são um diferencial mercadológico, utilizado como meio de sobrevivência para os bancos. Este processo faz com que a luta travada pelos clientes leve os bancos a aprimorarem serviços.

Não basta obter máquinas quer máquinas que façam a parte agilidade nos serviços: é preciso antes de tudo cuidar da qualidade interna. Uma equipe motivada e bem preparada certamente cumprirá muito mais facilmente os padrões estabelecidos pela cultura organizacional. Como os serviços são bens intangíveis, não podemos mandar, com antecedência, uma amostra para aprovação pelo cooperado e não há como repor um serviço defeituoso, o que aumenta a necessidade de garantir a qualidade, através de uma atuação gerencial sistemática e objetiva.

¹ Professor de Contabilidade Básica e Contabilidade Gerencial do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS-MG, Unidade de Três Pontas. Especialista em Auditoria e Contabilidade Financeira, Mestrando em Administração pela CNEC-Campanha Nacional de Escolas da Comunidade de Varginha, Gerente Administrativo da Credipços em Poços de Caldas e Diretor Financeiro da UNIAGRO Machado.

Os cooperados se encontram em ascensão e a sobrevivência de qualquer cooperativa está ligada diretamente à forma de tratamento prestada ao associado, onde a qualidade deve ir desde os critérios da concessão dos créditos, até a cobrança pela prestação dos serviços. Diante desta constatação, somada à competitividade do sistema bancário no Brasil, principalmente com a chegada de alguns bancos estrangeiros no mercado brasileiro, o cooperado, com frequência, desempenha papel fundamental ao processo de qualidade. Tendências marcantes, tem despendido esforços de determinados setores na personalização do cliente, caso típico de um salão de beleza, onde o cliente explica como quer o corte de cabelo, e o cabeleireiro, por sua vez, esforça-se em atender ao pedido do cliente e satisfazer uma expectativa já existente. Deste modo, devemos atender aos associados fazendo-os sentir um atendimento individualizado. Quanto maior for a complexidade da execução do serviço, maior será a interação entre cooperativa e cooperado.

As cooperativas precisam trabalhar de forma inteligente e com menos esforço. Uma comunicação aberta e uma melhor compreensão de cada tarefa por quem realiza, podem contribuir para uma maior eficiência, desde que vistas numa estrutura gerencial global como partes de aperfeiçoamento do sistema.

As cooperativas dos mais diversos setores estão se especializando em diagnosticar empresas e identificar as necessidades de melhoria na prestação de serviços, bem como verificar se a expectativa dos cooperados, através dos serviços prestados, está sendo adequada à sua necessidade. Mas nesta louca e frenética busca de qualidade e melhoria nos serviços, para funcionar como atrativo, na conquista de novos associados, muitas cooperativas têm cometido equívocos, pois acreditam que atender bem o cooperado é sempre atendê-lo com um sorriso no rosto, ainda que forçado, ou servir um café, mas se esquecem do fundamental, oferecer o atendimento esperado. O cooperado quer ser atendido com gentilezas, mas, sobretudo, receber o que contratou na abertura de sua conta corrente.

Se analisarmos o que leva uma pessoa a escolher entre dois bancos que possuem as mesmas linhas de crédito, veremos que o grande diferencial dos bancos será o atendimento. Para agregar valor para os clientes, é preciso que as cooperativas estejam à frente da concorrência, oferecendo-lhes novos benefícios. É preciso propiciar uma experiência única, inovar sempre para se consolidar com uma nova estratégia e não apenas tornar-se uma imitadora do que as outras cooperativas estão fazendo. Após uma campanha de qualidade bem sucedida, usar a criatividade e ter um profundo conhecimento de seus cooperados para destacar-se e conquistar a preferência de um consumidor que fica mais exigente a cada dia.

O COOPERADO

O cooperado é um problema e uma solução, é a causa e o efeito, pois é a alavanca propulsora ou inibidora das mudanças. O importante não é somente aprimorar e descobrir a qualidade, mas sim ressaltar a importância do associado na organização cooperativa. É importante também ter a perfeita noção estratégica de quais são as formas de comunicação necessárias para seduzir o cliente. As cooperativas precisam conhecer o

diálogo dos cooperados, é evidente que, quando o cooperado entra na cooperativa já ciente de sua necessidade, o diálogo tende a ser mais rico em informações. Este diálogo deve evoluir de forma a não acabar, pois somente assim as cooperativas terão oportunidades de apreender a necessidade de cada um.

A aceitação da supremacia do cooperado torna obsoletas e antigas todas as premissas de desenvolvimento do setor bancário. Não é possível aproveitar a competência e administrar as experiências dos cooperados sem contar com a sua cooperação; é preciso que eles estejam atualizados às mudanças de comportamento das demais instituições financeiras. Nenhuma cooperativa obterá sucesso enquanto a liderança estiver com propósito de focar sobras. O cliente deve ser o centro dos negócios, com objetivos e estratégias de relacionamento individuais. É necessário um alinhamento entre a cooperativa e seus cooperados para assegurar que ambos entendam a direção um do outro e que possam se avaliar a longo prazo e criar o valor desejado por todos. As cooperativas precisam se organizar, de forma a minimizar os problemas, uma vez que é impossível não conviver com eles, mas que saibam contornar e entender as questões atuais. Os funcionários devem ter habilidades para se comunicar com os cooperados de modo a reconhecê-los, entender suas questões atuais, propor respostas, soluções e sugestões.

Portanto, a perspectiva para o relacionamento deve-se estender à verdadeira necessidade do cliente, sendo ele como um bem durável da empresa; é vender aos cooperados de acordo com a sua aceitação, sendo parceiros de relacionamento; conhecer bem o seu estatuto social que está exposto a questionamentos, conhecer o sentido cooperativista, saber das vantagens, significa preocupar mais com o relacionamento do que com o saldo em conta corrente. O resultado disso é que a cooperativa ganhará a confiança do cooperado e, portanto, ele será parceiro a longo prazo, facilitando-lhe a vida, cumprindo os prazos comprometidos nas operações de crédito, aparecendo na hora marcada nas assembleias ordinárias. Ter sempre um novo serviço que agregue valor ao cooperado é o que se espera das cooperativas, seja qual for seu segmento.

Quando observamos os cooperados, devemos enxergá-los como um consultor que lhe fornece *feedback*, que lhe indica os pontos que podem ser melhorados e fornece opiniões que podem ajudar. Agindo desta forma, podemos antecipar os problemas e saber exatamente o que o cliente quer. Desta maneira, não é inicializado um projeto de forma a reagir à medida que as coisas vão acontecendo, mas sim com o controle total da situação, as chances de erro minimizam dentro da cooperativa.

Saber liderar os cooperados em situações atípicas, fora do tradicionalismo conservador existente, é essencial para uma cooperativa do futuro. Este novo conceito resulta de informações abstratas, sendo fruto de mudanças concretas que estão acontecendo na economia hoje. Há quem afirme que as cooperativas são, na verdade, processos de satisfação do cliente e não apenas prestadoras de serviços. Qualquer cooperativa quer saber o que o cooperado deseja, qual o nível de satisfação de cada um, quais os produtos e serviços que mais lhe interessam.

Os cooperados atuais e do futuro passam a exigir tratamento especial, individualizado e darão preferência às instituições financeiras mais sensíveis aos seus anseios e com capacidade

de melhor interpretarem os seus desejos. Somente obterão sucesso as cooperativas que melhor definirem seu segmento, focando nele os seus esforços e forem obstinadas em identificar e satisfazer objetivos. As cooperativas precisam colocar definitivamente o cooperado como mais importante do que o seu produto e buscar aumentar a lealdade através da facilitação do seu dia-a-dia, buscando sempre um relacionamento a longo prazo. O resultado desse esforço poderá ser recompensado pela satisfação do cooperado, buscando adquirir novos produtos ou serviços, ou mesmo trazendo ou indicando um parente ou amigo para abrir conta corrente na cooperativa.

O constante alto nível de atendimento pessoal efetuado pelos profissionais de relacionamento, as técnicas utilizadas adequadamente por pessoas competentes, o esforço para o envolvimento do cooperado, bem como propagandas a serem veiculadas em mídias que realmente atinjam o público alvo na quantidade adequada de inserções e o trabalho dos profissionais altamente capacitados serão indispensáveis para o sucesso da cooperativa.

Por isso, as cooperativas precisam atender as razões de seus cooperados e ter sempre como objetivo satisfazê-las, precisam reconhecer que as pessoas não só movimentam sua conta corrente, mas buscam sempre uma justificativa lógica e que, nesse processo, vários desejos podem ser aflorados, fazendo com que os cooperados nunca estejam totalmente satisfeitos, o que os leva a exigirem cada vez mais. Em todas as comunicações com os clientes, é uma boa idéia criar mecanismos para que eles lhe façam sugestões, críticas, comentários porque, dessa forma, a cooperativa realiza uma pesquisa de mercado constante. As técnicas podem variar desde as mais simples, como os questionários que encontramos nos quartos de hotel e os formulários de garantia que são preenchidos quando se compra um produto eletro-eletrônico.

Peter Drucker é um dos pioneiros na defesa da ênfase na satisfação do cliente, ele vem afirmando desde o início dos anos 90 que o sucesso empresarial agora depende do foco no mercado, essa área em que vivem tanto os seus clientes, quanto os não clientes.

A importância no momento é o chamado foco no cliente. Afirmar ainda que, nos Estados Unidos, as lojas de departamentos sabiam tudo sobre seus clientes, mas quando elas foram sendo substituídas por uma nova geração, notaram que pouca informação tinham de quem não era seu cliente e entraram em processo de extinção e, por isso, achamos a cooperativa uma alternativa viável, o mundo cooperativista está ficando cada vez mais consciente do valor da fidelidade do cooperado. Se uma pessoa for fiel a um banco durante toda sua vida de correntista, e se nesse espaço de tempo usar os recursos do banco, isso vai significar para a cooperativa muito retorno. Se este correntista está convicto de conseguir influenciar apenas um amigo sobre as vantagens da cooperativa e levá-lo a abrir uma conta corrente, o valor desse cooperado passará a ser o dobro. Este desafio da fidelidade chama a atenção das cooperativas e nos últimos tempos vem deixando de estar focada apenas em ganhar um novo cooperado. Nas pautas de decisões de relacionamento das cooperativas, conseguir a fidelização do cooperado é fundamental. Para ganhá-lo é preciso investir para encontrá-lo e ainda convencê-lo a movimentar sua conta corrente

usando o talão de cheque da cooperativa.

São poucos os que ainda não possuem programas para manter o cliente fiel. As companhias aéreas costumam premiar os passageiros cativos com novos vôos grátis. Da mesma forma, quanto maior é o gasto com determinados cartões de crédito, os usuários vão ganhando benefícios sendo assim as cooperativas não podem ficar lançadas ao acaso.

A resposta do cliente pode ser aperfeiçoada com o desenvolvimento de aplicativos que ofereçam benefícios de longo prazo, à medida que os clientes se acostumam às novas tecnologias.

OS CAIXAS

É no desempenho desses funcionários que os cooperados baseiam a avaliação da cooperativa e que as vendas de produtos ou captações serão concretizadas ou perdidas. Nenhuma campanha publicitária e nenhuma logomarca brilhante pode compensar o relacionamento inadequado entre o cooperado e o caixa que lida diretamente com ele. Esses funcionários, também conhecidos como "Funcionários da Linha de Frente", deverão dispor de tempo, dos instrumentos e do treinamento adequado para se saírem bem.

A tecnologia dos bancos de dados sobre clientes pode ser extremamente útil para o desenvolvimento de relacionamentos sólidos e a conversão dos cooperados em clientes assíduos.

Enfim, nunca deve considerar-se a fidelidade dos clientes como certa, ela precisa ser percebida e reconhecida como duradoura. A intimidade com os clientes significa segmentar e visar com precisão aos mercados segmentados, personalizando-se em seguida os produtos, de forma a atender às exigências desses nichos. O conhecimento detalhado da clientela e a flexibilidade combinadas possibilitam à cooperativa responder rapidamente às necessidades e solicitações dos clientes.

ATIVIDADES E DEBILIDADES ESTRATÉGICAS

Estamos testemunhando um grande despertar cooperativista sem um eixo de orientação na perspectiva de um projeto. Esta sinergia tende a perder-se ou desviar se não encontrar um eixo orientador, por esta razão a necessidade do debate em procurar focar um relacionamento forte com o que poderíamos chamar de parceiros na investida ao cliente.

É preciso, no Brasil, as Cooperativas adquirirem o modelo que as Cooperativas de países como Itália, Portugal e Canadá conseguiram desenvolver, mostrando superioridade da Cooperação frente à repressão na integração do cidadão, tratando o cliente com dignidade e zelo. A preocupação com o conceito de estratégia e de administração estratégica vem levando as empresas a retomarem as perguntas essenciais (ou seja, o óbvio) sobre a sua missão e seus objetivos.

As decisões estratégicas, segundo Fiscmanm & Almeida (1991), dizem respeito ao caminho que a organização como um todo deverá seguir e recentemente é que isto tem concentrado maior atenção dos administradores que procuram desenvolver técnicas de relação com o cooperado de modo a conduzir a organização na melhor direção.

O planejamento estratégico caracteriza-se por seu processo de longo prazo, e as decisões estratégicas são aquelas que

mais afetam as atividades da organização, pois dizem respeito tanto à formulação de objetivos, quanto à escolha dos meios para atingi-los: o planejamento estratégico orienta-se, portanto, para os meios e para os fins (Ackoff, 1976; Oliveira, 1989).

O ÓBVIO

Parecemos ser incoerentes durante toda a evolução de nossa história, pois o ser humano diariamente se esforça para aprimorar tudo e todos; entretanto, em plena era de informática e globalização, o melhor negócio no atendimento parece ser a volta ao passado, e espelhar-se, por exemplo, na figura de um dono de uma padaria, próximo a nossa residência, espelhando nas formas de tratamento em que aprendemos com os nossos antepassados, onde visava-se fazer simplesmente a vontade do cliente, isto é, o que parece ser óbvio para o desenvolvimento, mas, entretanto, com o tempo este pensamento foi distorcido pela ganância em se obter um lucro indiscriminado. É preciso voltar às origens, pelo menos é esta a idéia defendida estrategicamente pela CRM (Customer Relationship Management) – ou marketing “one to one”.

Toda cooperativa sonha em ter clientes fiéis, mas essa tarefa não é nada fácil perante a realidade em que vivemos, requerendo assim um grande esforço das organizações, funcionários e dirigentes. Um simples deslize na abordagem, um telefonema atendido de forma errada por um funcionário irritado por problemas internos, ou uma pergunta feita por um cliente que, por repentino ato de esquecimento, fica sem resposta, são motivos concretos para perder clientes, e estes por sua vez irem direto a um banco concorrente. Depois deste fato ocorrido, recuperar o cliente é um trabalho árduo e praticamente impossível.

O dono da padaria, perto de sua residência, conhece todos os seus clientes e a maioria conhece pelo nome. Sabe das preferências de cada um e quase sempre está disposto a conseguir um produto que não esteja disponível em suas prateleiras, desde que o cliente possa retornar no dia seguinte. Isso aumenta muito as chances de fidelização do cliente, há uma alta personalização dos serviços, o que difere de um grande banco, por exemplo, que jamais conseguirá conhecer todos os seus clientes espalhados por toda parte; com isto podem ser criadas novas estratégias de forma que a cooperativa seja um diferencial. “A sobrevivência e a garantia de lucratividade de uma organização dependem da relação de longo prazo com seus clientes”, afirma Valsoir Tronchin, sócio diretor da Peppers and Rogers Group, empresa de consultoria estratégica de relacionamento com clientes.

Poucas cooperativas sabem utilizar as informações que possuem sobre seus clientes, o que poderia ajudar a conhecer realmente a expectativa de cada um deles, num processo de fidelização interminável.

A verdadeira fidelidade não se mede pelo que o cliente diz, mas por hábitos de compra de produtos e serviços. O objetivo da análise é descobrir quem são os maiores clientes, o que eles estão usando dentro da cooperativa e por que são fiéis. A barreira física é algo estabelecido com o cliente que acrescenta visivelmente valor ao relacionamento sob o ponto de vista dele. Para que qualquer plano de fidelidade realmente funcione, os diretores terão de perceber, antes de mais nada, quem são seus

funcionários, o pessoal da linha de frente que entra em contato direto com os clientes. Para o bem ou para o mal, os funcionários representam os produtos e os serviços da cooperativa e podem conquistar a fidelidade ou afastar os cooperados. O segredo é estimular os funcionários a se tornarem parte do processo de desenvolvimento, uma vez que as técnicas para inspirar a força de trabalho por meio de itens como salários, planos de aposentadoria e seminários motivacionais não são mais eficientes como antes.

Os funcionários são iguais a nossos clientes, devemos tratá-los com respeito, permitindo e dando liberdade para que possam tomar as próprias decisões, fornecendo-lhes treinamento, o apoio e as recompensas necessárias para que façam o que já é de sua natureza. Mas igualmente importante, não tolere os funcionários que encaram casualmente a fidelidade. A meta sempre é utilizar planos bem concebidos para gerar valores intrínsecos à empresa, a seus produtos e a seus serviços do ponto de vista dos clientes. A fidelidade, como já mencionada, crescerá na proporção direta do valor percebido pelos clientes. Existem três estratégias de marketing na cooperativa:

O Marketing em função do relacionamento – o objetivo é partir de um relacionamento recentemente estabelecido e consolidar a fidelidade do cliente por meio de serviços que criam vínculo pessoal.

O Marketing em função da frequência – seu objetivo é desenvolver a fidelidade e incrementar as taxas, recompensando o cliente pela movimentação na cooperativa por meio de comunicação personalizada, incentivos e acompanhamento do desempenho.

O Marketing em função da pertinência – o objetivo é organizar os clientes em grupos ou clubes a fim de fortalecer os clientes potenciais regulares e desenvolver a fidelidade. Esse tipo de marketing foi um dos responsáveis pelo sucesso das legendárias motocicletas Harley-Davidson. O Harley-Davidson Owner Group (Hog – grupo de proprietários de Harley-Davidsons), lançado em 1983, contribui para a manutenção da fidelidade dos donos de Harleys.

A transformação do cliente, uma pessoa que faz suas movimentações financeiras com a cooperativa, em um cooperado fiel, que tem um vínculo emocional com a organização, é importante para todo o sistema de gerenciamento da fidelidade dos clientes. As cooperativas que não conseguirem perceber a importância do processo fidelidade-vínculo ficarão à margem do futuro.

A TRANSFORMAÇÃO DOS COOPERADOS

Quando os cooperados se transformarem em defensores de seu produto ou serviço, a cooperativa conquistou um relacionamento de grande intimidade e confiança.

Esse é o tipo de vínculo mais valorizado e perseguido, em que a publicidade boca a boca pode florescer, pois não basta o cliente fiel movimentar exclusivamente na cooperativa, devemos lançar estratégias para aproveitar plenamente todo potencial desse cliente. A organização precisa recrutar novos associados por meio desse cliente fiel, a publicidade boca a boca é um incêndio espontâneo.

Rojo (2000, p. 30), afirma que, enquanto um cliente insatisfeito fala mal da empresa para dez pessoas, quem sai satisfeito fala

somente para uma pessoa. Por isso, as empresas preocupam-se em manter uma imagem positiva junto ao consumidor e correm para estratégia de vendas com a participação do cliente como intermediário. As recomendações de pessoas bem atendidas, constituem o melhor caminho para qualquer cooperativa recrutar novos cooperados com sucesso. Elas são eficientes porque partem de uma segunda pessoa, objetiva. As palavras vêm de alguém que conhece seus produtos e serviços, confia em sua capacidade de corresponder às expectativas e não tem motivo financeiro para promover sua cooperativa. Os clientes novos, que chegam nas cooperativas já indicados previamente por cooperados fiéis, exigem menor esforço e são mais fiéis do que os outros. Eles chegam prontos para abrir conta corrente porque, na realidade, já conheceram o serviço prestado e a cooperativa.

Para tanto, as cooperativas, com o intuito de desenvolver estratégias de propaganda boca a boca, devem fornecer ao cooperado algo que possa ser comentado entre os clientes e amigos, estando sempre aptas a acolher os clientes bem como cuidar de mantê-los amigos.

O Brasil tem avançado na busca de qualidade, conseguindo vitórias em áreas nas quais nem mesmo os europeus tiveram sucesso. Sabemos que as cooperativas ainda têm um longo caminho a percorrer em busca de maior competitividade e excelência. Cooperativas de todo mundo também estão lutando desesperadamente para sobreviverem no cenário competitivo internacional.

Todos os setores devem interagir entre si, e estão convictos de que precisam conhecer os cooperados profundamente, bem como suas necessidades presentes e futuras, buscando incessantemente a redução de custos para seu cliente, divulgando adequadamente seus produtos e serviços, definindo bem os serviços, com treinamentos adequados, para se obter um serviço atencioso e rápido no atendimento aos clientes, indicadores para medir o desempenho de seus serviços e aperfeiçoá-los constantemente. A qualidade e o bom atendimento que interessam são aqueles percebidos pelo cliente, pois o cooperado muda de idéia à medida que percebe melhor um produto ou serviço recomendado. O sucesso dos programas de gestão na qualidade, da existência de diretrizes são definidos pela alta administração de uma cooperativa.

Esta deve entender seu papel fundamental na mudança organizacional e precisa definir exatamente o que e como deseja mudar e como será medido o êxito na mudança. As questões chaves no processo da qualidade são a detecção periódica do estágio avançado, a divulgação freqüente das ações em desenvolvimento, a premiação e o reconhecimento. Também é importante um trabalho contínuo sobre a necessidade de melhorar cada vez mais e a administração procurando sempre inovar e incentivar para vencer. O treinamento deve ser realizado primeiramente com o pessoal da linha de frente, aqueles funcionários que os clientes encontram logo quando entram em uma cooperativa. É importante que as cooperativas lembrem de que o cooperado movimenta sua conta corrente por suas próprias razões e não pelas razões da cooperativa; a princípio, esta fase chama-se sondagem: tentar descobrir qual a necessidade do cliente. Com isto as características do produto transformam-se em benefícios e técnicas.

Se analisarmos os custos, poderemos verificar que custa

mais caro conquistar um cooperado do que a fidelização. Parece atraente e motivador atrair novos clientes, mas hoje em dia as pessoas desejam possuir contas correntes em bancos informatizados, que possam oferecer produtos agregados à prestação de serviço. Estes procuram um relacionamento de longo prazo, onde as necessidades pessoais sejam atendidas não somente no ato de um empréstimo em um determinado dia, mas também em um futuro vindouro. Na atualidade, com as variações constantes sofridas pela economia em nosso país, o cliente passa a refletir mais e exigir novas abordagens, de forma que resulte em características intrínsecas ou extrínsecas de produtos ou valores. Atitudes como taxas especiais para empréstimos tendem a estimular clientes a repetir compras. A comunicação deve sempre reforçar a percepção sobre o produto ou serviço, com uma mensagem certa na hora certa.

Nunca devemos nos esquecer de que é preciso investir no pessoal da linha de frente de uma cooperativa, pois somente assim o funcionário se sentirá à vontade. Isto acaba sendo uma questão pessoal ou então um estilo de vida. Atualmente, investir na capacitação dos funcionários, bem como na sua motivação, é sem dúvida o caminho a seguir, para que estes por sua vez, possam refletir sua alegria na busca do equilíbrio profissional, assegurando a plena satisfação do cliente. Segundo Peter Ferdinand Druker, o conceito de "empresa voltada para o cliente" é uma invenção dele, que tem cerca de 40 anos e agora virou moda.

CONCLUSÃO

A proposta deste artigo é fazer uma análise para as mudanças que as cooperativas devem fazer implantando em seu meio o Marketing de Relacionamento, com o foco no cliente e sua conquista a longo prazo.

Sempre se fala em mudanças, mesmo sem querer ser repetitivo, tem-se a obrigatoriedade de falar em globalização, pois foi uma das maiores revoluções empresariais, colocando como concorrente alguém que está do outro lado do mundo. Alguns profissionais dizem que as cooperativas estão cada vez mais conscientes de que existe um custo relacionado a cada cooperado.

Entretanto, todos os cooperados merecem a máxima atenção e qualidade no atendimento. Quem tem o custo de aquisição na ponta do lápis e sabe a rentabilidade por cooperado, nem vai discutir o conceito: vai começar imediatamente a aplicá-lo, pois ele é inerente, eficaz e lucrativo. Definir novos rumos para a cooperativa significa, principalmente, definir objetivos inovadores em relação aos clientes atuais e futuros, bem como pressupõe uma visão mais atualizada e menos tradicionalista. Os cooperados fiéis são uma alegria para qualquer cooperativa, não apenas por sua preferência constante, mas por gerar mais lucros que um cliente novo, requerer menos gastos em publicidade e promoção em dar mais satisfação aos funcionários da empresa.

Os mercados competitivos de hoje exigem não somente que conquistemos e satisfaçamos mais clientes, mas também que estejamos mais próximos de cada um deles através de relacionamento sólido, verdadeiro e duradouro, a fim de criar uma cultura movida pela fidelidade, objetivo maior de qualquer

estratégia organizacional.

A chave de tudo está em focar a construção de relacionamentos a longo prazo, nos quais os ganhos a longo prazo são maiores do que os investimentos feitos a curto prazo para satisfazer os cooperados.

BIBLIOGRAFIA

BARÇANTE, Luiz Cesar. *Ouvindo a voz do cliente*. Rio de Janeiro: Qualitymark, Ed., 1995

DRUCKER, Peter Ferdinand. *Conheça quem não é cliente e descubra os novos mercados*. In: Folha Management, São Paulo: 1995, p.1-4

FLETCHER, Tony. *Marketing para o sucesso*. São Paulo: Clio Editora 1994.

FRANCES & ROLAND, Bee. *Fidelizar o cliente*. São Paulo: Nobel, 2000.

GORDON, Ian. *Marketing de relacionamento: Estratégias, técnicas e tecnologias para conquistar clientes e mantê-los para sempre*. São Paulo: Clio Editora, 1994.

GRIFFIN, Jill. *Como conquistar e manter seu cliente fiel*. São Paulo: Futura, 1998

KOTLER, Philip. *Princípios de Marketing*, 7ª ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1998.

LOBOS, Julio. *Encantando o cliente*. São Paulo: Instituto de Qualidade, 1993.

PINHO, Diva Benevides. *Tipologia Cooperativista*. São Paulo: CNPq, 1984.

_____, Diva Benevides. *Economia e cooperativismo*. São Paulo: Saraiva, 1997.

RESCH, Daniel. *Cooperativas: uma alternativa de organização popular*. Rio de Janeiro: Fase, 1995.

DRUCKER, Peter Ferdinand. *Administrando organizações sem fins lucrativos – Princípios e Prática*. São Paulo: Pioneira, 1994.

_____, Peter Ferdinand. *Administrando em tempos de grande mudanças*. São Paulo: Pioneira, 1995.

CHIAVENATO, Idalberto. *Administração de Recursos Humanos*. 3ªed. São Paulo: Atlas, 1998.

<http://www.coop.org>. International Cooperative Alliance (ICA).

www.cooperative.org. National Cooperative Business Association

<http://www.planalto.gov.br>. Presidência da República Federativa do Brasil (especialmente no que se refere a leis, decretos e medidas provisórias)

<http://www.ocb.org.br>. Organizações das Cooperativas Brasileiras.

<http://www.ocemg.org.br>. Sindicatos das Organizações das Cooperativas do Estados de Minas Gerais.

<http://www.idecoop.org.br>. Instituto de Desenvolvimento da Cooperação.

<http://www.ocesp.org.br>. Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo.

<http://www.bancoob.org.br>. Banco Cooperativo do Brasil

<http://www.cccremge.org.br>. Central das Cooperativas de Crédito Mútuo do Estado de Minas Gerais.

UMA REFLEXÃO SOBRE AS CARACTERÍSTICAS EDUCACIONAIS DOS SOFTWARES

Ronei Ximenes Martins¹

¹ Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS-MG
Instituto de Tecnologia, Engenharia e Ciências Exatas - ITEC
Av. Cel. José Alves, 256, Vila Pinto. CEP: 3710-540, Varginha-MG/Brasil
e-mail: ronei@unis.edu.br

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexão sobre as características educacionais de sistemas aplicativos para computadores, classificados como educacionais pela indústria do software, diante dos novos modelos propostos para a relação humana com a construção do conhecimento. O autor discorre sobre a relação Educação/Informática, contextualizando e delineando cenários para a fusão do instrumental proporcionado pela informática com o ambiente educacional apresentado nas novas propostas pedagógicas. Apresenta, também, as dimensões de caracterização em aspectos técnicos e pedagógicos visando orientar a escolha de aplicativos compatíveis com o projeto pedagógico proposto para determinada atividade educacional.

Palavras-chave: software, educação

ABSTRACT

This article aims a reflection on the characteristics of softwares for computers, classified as "educational" by the software industry, in face of the new proposed models for the human relation with the building up of knowledge. The author goes over the relation between Education/Informatics, tracing and putting into context backgrounds that unite the instrumental given by Informatics with the educational environment presented in the new pedagogical proposals. The dimensions of characterization in the technical and pedagogical aspects are also presented having in view the choice of software compatible with the pedagogical project proposed

Key words: software, education

INTRODUÇÃO

O *software educacional* é, em muitos casos, a parte visível do imenso contexto estabelecido para a informática, a educação e a construção do conhecimento. É "um iceberg" que flutua no oceano das relações humanas com o saber.

Falar de *software educacional* nos transporta à dimensão da *informática na educação*, tema proposto e discutido exaustivamente no universo da *tecnologia educacional* e de *novas técnicas e práticas pedagógicas*. Existem alguns equívocos cometidos, intencionalmente ou não, na utilização destes termos. A Informática é uma ciência. Trata da manipulação e produção de informações, dos processos e métodos para a elaboração de dados, transformando-os em informação. É comum, entretanto, encontrar o termo substituindo os conceitos de *computação*, *redes de computadores* e *Internet*. Eles estão para a Informática assim como geometria ou álgebra estão para a Matemática. O computador é o produto da tecnologia originada pela aplicação da Informática. Um computador é: *hardware* - o conjunto de peças que o compõem - e *software* - o conjunto de instruções que organizam dados, produzindo informações e dizendo ao computador como executar tarefas. Portanto, é prudente iniciar-se esta reflexão evitando confundir "informática na educação" com "computadores na escola" e "tecnologia educacional" com "uso de software".

A RELAÇÃO EDUCAÇÃO/INFORMÁTICA

"Toda reflexão séria sobre as modificações em curso nos sistemas de educação e de formação ocasionadas pela cultura informática deve se fundar sobre uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber" (LÉVY, 1997, p.1).

Para Pierre Lévy, a relação com o saber deslocou-se das representações em escalas lineares e paralelas, dispostas em níveis orientados por pré-requisitos, para espaços de conhecimento emergentes abertos, contínuos, em fluxo, que reorganizam-se segundo necessidades, objetivos e contextos. Assim, as várias competências adquiridas no início de um percurso profissional e acadêmico estarão obsoletas ao longo do tempo. As relações com a educação tornam-se cada vez mais voltadas para o aprender contínuo, para transmitir saberes e produzir conhecimento. Lévy propõe a navegação e o "surf", referindo-se ao uso do WWW via Internet, como metáfora da relação do homem com o saber. "Surfar", afrontar ondas sobre cada extensão plana, sem fronteiras e sempre mutante. Assim, o saber "flutua" e provoca desorientação.

As pessoas suportam cada vez menos seguir currículos. "A jovem geração compreende de outro jeito. Por que em nosso mundo ela fala de outro jeito? Cria-se hoje uma linguagem que chamaremos de 'audiovisual'" (BABIN, 1989, p.38). Para Moran, educar, dentro de uma sociedade que muda, é ajudar a

¹ Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão do UNIS-MG e Mestre Pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

desenvolver competências. Todos nós nos educamos o tempo todo. Nos educamos e somos educados pelos outros. Estamos sempre ensinando e aprendendo. (MORAN, 1996, p. 1).

Se a construção do conhecimento é contínua e se aprendemos em nossas relações - nas experiências profissionais e sociais - e considerando o conhecimento como algo que não se pode totalizar, dominar ou monopolizar para escolas e universidades, o sistema educacional necessita dar-se uma nova missão: ORIENTAR a construção individual do saber, capitalizando conhecimentos, experiências, e provocando busca por novos saberes. Então, necessariamente, "os professores aprendem ao mesmo tempo que os alunos, atualizando continuamente tanto seus saberes 'disciplinares' quanto suas competências pedagógicas" (LÉVY, 1997, p. 5). O professor deixa de "professar o conhecimento" passando a orientar e provocar as pessoas para o *aprender* e o *aprender a aprender*.

Quando validamos estas proposições em um novo paradigma educacional, nos defrontamos com uma premissa: modificar práticas pedagógicas e instrumentalizar adequadamente as estruturas educacionais para que possam inserir-se no novo contexto. Precisamos redefinir o cenário onde se dá a educação. Ainda citando Lévy: "os dispositivos da Informática suportam tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados), imaginação (simulação), percepção (realidade virtual), raciocínio (inteligência artificial)".

Considerando válidas as afirmações até aqui descritas, devemos concluir que computadores ou os softwares neles contidos, por si sós, não educam, se abandonado o contexto da interação, da participação de vários agentes cognitivos e do conhecimento como algo a ser construído. "A grande tecnologia é o ser humano, a nossa mente. As tecnologias são extensões da nossa mente, do nosso corpo" (MORAN, 1996, p. 3).

"Se há algum professor que pensa que pode ser substituído pelo computador, então deve ser substituído..." (TEODORO, 1998, p. 1).

CARACTERÍSTICAS EDUCACIONAIS DO SOFTWARE

"Em vez de simplesmente instalar microcomputadores na sala de aula, por julgarmos que os alunos precisam usá-los ou porque queremos ver o que acontece, preferimos saber se podemos utilizar a tecnologia para promover os requisitos da aprendizagem; se podemos utilizar e adaptar as tecnologias a fim de que a escola possa ser um ambiente onde os alunos pensem e trabalhem juntos" (HAWKINS, 1995, p. 60)

Para o MEC (1987) "software educacional é aquele elaborado para contribuir para o ensino e a aprendizagem". (MEC apud. ABREU, 1998). Essa definição que identifica uma categoria de sistemas aplicativos de computador propõe uma reflexão sobre a validade das características educacionais destes softwares. Alguns autores preferem chamar o software que se enquadra na descrição acima como *educativo*. É importante considerarmos seriamente a questão porque, na verdade, alguns milhões de dólares entram em jogo na produção e comercialização de "softwares educacionais". Por consequência, a produção massificada e acrítica de softwares e a pressão para vender estes produtos devem ser contrapostas com critérios de avaliação

que passem muito mais pelo "educacional" do que pelo "software". Identificando características relacionadas com fundamentos educacionais poderemos determinar se um software é ou não adequado como ferramenta ou instrumento de uma proposta pedagógica.

Para Jan Hawkins, o primeiro erro cometido pelo sistema educacional americano, com relação à introdução da tecnologia no ensino, foi considerá-la uma categoria à parte que pudesse, sozinha, produzir bons resultados. A consequência dessa visão foi a tentativa de aprimorá-la para eliminar o professor da sala de aula. Foram produzidos vídeos e principalmente *softwares* relativos a conteúdos específicos, por equipes técnicas que trabalharam isoladamente, sem a participação de educadores no processo de produção. O segundo erro foi oferecer os microcomputadores e softwares, além de vídeos e outros materiais, aos alunos sem passar pelas mãos dos professores, que não receberam orientação.

Podemos utilizar a experiência relatada para exaltar a importância de identificarmos, em aplicativos rotulados como "educacionais", a existência e validade ou não de um projeto pedagógico associado ao projeto do produto. É importante identificar bem as características educacionais do aplicativo para utilizá-lo corretamente conforme objetivos e resultados planejados. Os computadores podem ser ferramentas cognitivas, porém a emoção, a cultura, a poesia e a arte estão no usuário e não no computador. (TEODORO, 1998).

Podemos dividir a caracterização dos softwares em dimensões distintas, porém complementares. São elas:

Dimensão 1: Características pedagógicas do software

Fialho (1999) descreve duas formas básicas admitidas pela ciência para a aquisição de conhecimentos: a aprendizagem por descoberta, a partir da ação em que a construção do conhecimento se dá em primeira pessoa; e a aprendizagem por instrução, que apresenta o conhecimento verbalmente ou em texto, conduzindo ao saber. No ensino tradicional, essas formas são combinadas definindo seqüências em que há a exposição de conteúdos, seguidos por exercícios e problemas que pretendem fixar o conhecimento. "O ensino tradicional parte de um saber em direção a um saber fazer" (FIALHO, 1999, p. 283). Portanto, a aprendizagem de regras e códigos - processo de instrução - ou a aprendizagem pela construção dos próprios significados - processo de descoberta - podem determinar o pressuposto pedagógico para a construção de um software educacional.

Muitos softwares são construídos buscando estruturar informações, definir comportamentos desejados, estabelecer estratégias desejadas para a resolução de problemas e oferecer avaliações formativas. Tutores, jogos educativos, bancos de dados de exercícios e prática podem ser encontrados neste formato (ABREU, 1998). Alguns softwares do tipo CBT - treinamento baseado em computador - por exemplo, possuem conteúdos fragmentados, ordenados cronologicamente, em que o aprendizado se dá como resultante de treino ou condicionamento, com erro controlado visando sua extinção através da proposta de recompensa, ao oferecer novos conteúdos no término satisfatório de uma avaliação. Este contexto denominado paradigma da fragmentação por Abreu (op. cit. p. 24) demonstra uma abordagem pedagógica centralizada no

ensino descrito por Fialho (op. cit.) como aprendizagem por instrução.

Num contexto interacionista, denominado paradigma da interação por Abreu (op. cit.), com uma abordagem pedagógica fundamentada em Piaget e Vigotsky, descrita por Fialho (op. cit.) como aprendizado por descoberta, em que a visão de que o conhecimento é algo a ser construído, "o software deve buscar trocas funcionais entre aluno e programa, de forma a desenvolver o seu pensamento e a sua capacidade de analisar e generalizar os fenômenos da realidade" (ABREU, 1998, p.24). Complementando o raciocínio, o software deve buscar dois pontos básicos: a interação entre usuário e agentes cognitivos fornecidos pelo programa; relacionamentos externos entre usuário e ambiente e entre vários usuários que possam desenvolver e usufruir dos saberes compartilhados por todos - inteligência coletiva (LÉVY, 1997). Para tal, podem ser adotadas práticas pedagógicas para caracterizar um aplicativo que não forneça conteúdo diretamente ao aluno, que enfatize a descoberta e a exploração, que se centre na capacidade de autogestão do aluno - principalmente quanto à hierarquia de conteúdos -, que favoreça trabalho em grupo, que enfoque erro como parte do processo de aprendizagem e que considere a presença de um orientador para focar objetivos e provocar aprimoramentos (op. cit. p.25). Linguagens de programação como o LOGO, jogos, simuladores, aplicativos como processadores de textos, planilha de cálculos e programas de apresentação, além da utilização de serviços Internet como Chat, e-mail e Sites Web podem conter estas características.

Teodoro (1998) descreve a aplicabilidade de alguns softwares educacionais em conteúdos específicos citando diretrizes para a sua eficiência. Na aprendizagem de línguas, o software pode se tornar um poderoso ambiente de aprendizagem, transformando o aluno da posição de espectador para a de autor. A utilização de programas fundamentados no conceito de zona próxima de desenvolvimento cognitivo (VIGOTSKY apud TEODORO, 1998) e que apresentam diferentes graus de complexidade, produzidos com recursos multimídia e reconhecimento de voz, tornam a aprendizagem mais confortável e eficiente, num ambiente de imersão. Nas Ciências e na Matemática, o software pode dar ênfase à compreensão de significados e dos limites, modelos e representações. Ele deve ser centrado na semântica dos fenômenos e das representações em oposição à sintaxe dos processos de cálculo isoladamente. Segundo essa visão, a aprendizagem é um processo de construção de significados em contraponto à aprendizagem centrada na prática repetitiva de algoritmos. Podemos reconhecer aqui também pressupostos pedagógicos determinando a eficiência da ferramenta.

Para que um software seja utilizado em um contexto educacional, sua dimensão pedagógica deve ser previamente identificada e relacionada com a proposta pedagógica adotada para o objeto de estudo. Softwares educacionais oferecidos no mercado já foram construídos com base em uma abordagem pedagógica. Outros softwares que não foram concebidos para fins educacionais podem ser inseridos em contextos de aprendizagem por descoberta ou aprendizagem por instrução, dependendo da visão do educador e da prática pedagógica em que se insere.

É importante considerar que, para um educador desprovido

de critérios, planos e domínio de conteúdo, nem o mais perfeito dos softwares é uma ferramenta eficaz. Algumas vezes, o laboratório de informática é o véu que cobre a falta de planejamento e competência.

Dimensão 2: Características técnicas do software.

Na aquisição de um software, seja ele educacional ou não, existem importantes informações inerentes ao produto, necessárias para a orientação do usuário quanto à instalação e utilização. Estas descrições técnicas geralmente estão expostas na embalagem, no caso de aquisição convencional, ou estão descritas em páginas Web e arquivos de orientação para instalação do produto, quando a aquisição se dá através da Internet. São aspectos a serem analisados, do ponto de vista técnico:

Instalação e desinstalação: As rotinas de instalação e desinstalação do software devem ser projetadas de forma a exigir o mínimo de conhecimento técnico necessário para a sua execução. Práticas como a de proteção de direito autoral com restrição de número de instalações, normalmente provocam irritação em professores, orientadores e alunos, durante as aulas, quando é necessário realizar reinstalações sucessivas. Se a prática pedagógica adotada for a de considerar o erro como fator de aprendizagem, a instalação do software não deve ser impedimento.

Dificuldades operacionais: Devemos separar para esta análise o objetivo educacional - o conteúdo do software - do seu ambiente operacional. O ambiente operacional não deve gerar dificuldades adicionais ou desviar a atenção do foco principal do produto. Ele deve ser compatível com a proposta pedagógica prevista para o software. O ambiente operacional ideal é o imperceptível para o aluno, ou seja, não deve interferir negativamente nos objetivos propostos.

Desempenho: Um fator de frustração na utilização de softwares para fins educacionais é a instalação em computadores que não apresentem requisitos de hardware suficientes para a execução do aplicativo. Com o desempenho comprometido, passam a ocorrer resultados não previstos que podem irritar alunos e orientadores. O produto deve descrever claramente quais são os requisitos mínimos e desejáveis para o perfeito funcionamento do aplicativo.

Estética: O lúdico e ambiente agradável - esteticamente adequados - devem estar presentes. Porém é necessário identificar se estes aspectos contribuem do ponto de vista pedagógico ou se são simples estratégia para a comercialização do produto.

Greg Kearsley (1990) descreve aspectos técnicos para o design e a produção de software educacional para uso internacional. Alguns desses aspectos podem balizar a identificação de características educacionais do software. Tanto quanto possível, um software deve permitir adaptações em seu ambiente para que sejam modeladas: características regionais, linguagem apropriada e diferenças culturais. O significado prático é que quando um software educacional permite que o educador personalize seu ambiente de trabalho, aproximando ao máximo

seu contexto do universo do aluno, ele favorece o aprendizado.

Resumindo, do ponto de vista técnico, a construção de um software que represente uma ferramenta de apoio e potencialização das práticas pedagógicas, deve ser orientada para permitir a interação entre o objeto de estudo e o método adotado pelo educador. O ambiente operacional, a performance e a estética não podem ser fator de interferência no sentido de desviar a atenção do foco principal que é aprender.

CONCLUSÃO

Com a implantação em larga escala de computadores no ambiente educacional, visando instrumentalizar melhor a comunidade acadêmica, muitas instituições e empresas iniciaram a produção de softwares aplicativos destinados à educação. O desenvolvimento e comercialização desses aplicativos seguem, muitas vezes, critérios de mercado e comercialização, o que confere ao educador e às instituições de ensino a responsabilidade de identificar características que tornam determinado software uma ferramenta educacional.

A imersão de educadores e educandos em ambientes tecnológicos é de fundamental importância, porém insuficiente. O imprescindível é utilizar todo o potencial disponível para aprender a pensar e aprender a aprender.

Assim, é necessário analisar criticamente a adoção de computadores e softwares como ferramentas destinadas a instrumentalizar as estruturas educacionais. Antes de projetar os espaços para a instalação de computadores, de especificar configurações, adquirir equipamentos, de solicitar catálogos de preço dos softwares ou de solicitar a presença de um representante de vendas, é necessário estabelecer no projeto pedagógico como se dará o uso do ferramental. Planejar as práticas pedagógicas adotadas para, então, proceder a análise das ferramentas adequadas à execução do projeto. O "educacional" deve preceder o "software".

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Rosane A. S. *Software Educacional ou o Caráter Educacional do Software?* Revista Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, 142:23-26, jul. set., 1998.

BABIN, Pierre, KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador.* São Paulo: Ed. Paulinas, 1989, p.38-59.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. Aquisição. Aprendizagem. Máquinas, p. 283. In. *Introdução a Engenharia do Conhecimento* (apostila). UFSC, 1999.

HAWKINS, Jan. *O uso das novas tecnologias na educação.* Revista TB, Rio de Janeiro, 120:57-70, jan. mar., 1995

KEARSLEY, Greg. *Designing education software for international use.* Journal of Research on Computing in Education. V23 n2, winter 1990, p.242.

LÉVY, Pierre. *A cultura da Informática e a Educação.* Tradução do Núcleo de Educação Aberta e a Distância, UFMT, 1997.

(mimeo.).

MORAN, José Manuel. *A escola do futuro: Um novo educador para uma nova era.* http://www.pucpr.br/sinepe/pales_jm.htm, 1º Congresso Paranaense de Instituições de Ensino, 1996.

TEODORO, Vitor Duarte. *O Computador na Educação em Portugal e na Europa: O Que Podem os Educadores Brasileiros Aprender das Nossas Experiências.* CONFIE. <http://phoenix.sce.fct.unl.pt/vdt/papers.htm>. São Paulo, 1997.

TEODORO, Vitor Duarte. *Educação e Computadores.* <http://phoenix.sce.fct.unl.pt/vdt/papers.htm>. Monte da Caparica, PT, 1998.

FATORES DETERMINANTES DO SUCESSO ESCOLAR: ESTUDO DE CASO EM UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

José Lucas Pedreira Bueno ¹, Sofia Mitsuyo Taguchi da Cunha ², Édís Mafra Lapolli ³

¹ Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS-MG
Instituto Superior de Educação - ISEd.

Av. Cel. José Alves, 256, Vila Pinto. CEP: 3710-540, Varginha-MG/Brasil
e-mail: lucas@unis.edu.br

² União Educacional de Brasília
SGAS 910 Conjunto D - CEP 70390-100 Brasília-DF/Brasil
e-mail: smitsuyo@linkexpress.com.br

³ Universidade Federal de Santa Catarina-Campus Universitário-Trindade
Laboratório de Ensino a Distância do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção
Caixa Postal: 5090 - CEP: 88040-970 - Florianópolis - SC/Brasil
e-mail: oriente@led.br

RESUMO

O presente artigo procura sistematizar os fatores determinantes do sucesso para a conclusão escolar, por meio da análise dos índices de desempenho dos alunos de uma determinada instituição de educação superior, da estrutura curricular dos cursos ofertados e da opinião dos seus graduandos e professores das disciplinas que mais registraram insucessos. A permanência do aluno, na turma de ingresso ou na instituição de educação, está condicionada a fatores endógenos e exógenos, tais como, os pessoais, o desempenho acadêmico, as ações educativas implementadas pela instituição para os alunos com dificuldades de aprendizagem e ao currículo cuja estruturação não apresente possíveis lacunas, que impeçam o aluno de prosseguir o trajeto de sucesso.

Palavras-chave: sucesso escolar, educação superior, currículo

ABSTRACT

The present article look for systemize the determinative factors of the success for the pertaining to school conclusion, by means of the analysis of the indices of performance of the one students determined institution of superior education, of the curricular structure of the offered courses and of the opinion of its students and teachers of you discipline them that more failures had registered. The permanence of the students, in the group of ingression or the institution of education, is conditional the endogenous and exogenous factors, such as, the staffs, the academic performance, the educative actions implemented by the institution for the students with difficulties of learning and to the resume whose estrutura structure does not present possible gaps, that hinder the students to continue the success passage.

Key words: school success, superior education, school resume

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse artigo trata de um estudo sobre a conclusibilidade escolar, resultante não só do efeito de situações de sucesso do processo de ensino-aprendizagem, mas condicionada à atitude de superação das dificuldades pelos alunos, ao tipo de regime e de estruturação curricular e à prática pedagógica implementada pela instituição educacional.

Como objetivo geral, teve-se o alvo de contribuir para a melhoria da eficiência da Educação Superior, a partir da verificação dos fatores determinantes do sucesso escolar.

Para o alcance dos objetivos explicitados, desenvolveu-se um estudo de caso em uma IES privada do Distrito Federal, denominada União Educacional de Brasília (UNEB).

Três momentos distintos caracterizaram o processo de coleta de dados.

No primeiro, realizaram-se estudos longitudinais que permitiram detectar o ponto de ruptura nos cursos de graduação ofertados, isto é, o intersemestre de incidência maior de ocorrência da evasão escolar, e em quais disciplinas e áreas do conhecimento se registram maior dificuldade dos alunos.

No segundo momento, concentrou-se na análise das duas disciplinas de maior reprovação em dois cursos que apresentaram maior índice de retenção escolar. Nessa fase, coletaram-se concomitantemente as informações dos professores que ministraram as disciplinas, por meio de uma reunião pedagógica. O material básico de análise constituiu-se do programa da

disciplina, confrontado com os conhecimentos técnicos específicos dos professores da disciplina, para a análise do projeto curricular implementado nos cursos.

O terceiro momento, vivenciado paralelamente ao segundo, caracterizou-se pela captação dos dados por meio de material escrito, junto aos 100% dos alunos graduandos dos dois cursos de mais baixo rendimento, relativo aos condicionantes de permanência e sucesso escolar, constituindo esta amostra de 59 alunos, representando 24,4% do universo de 242 graduandos do período em questão.

ESTUDO DE CASO: CARACTERIZAÇÃO DA UNEB E RESULTADOS DA PESQUISA

A UNEB - União Educacional de Brasília é uma instituição particular de educação superior, caracterizada como sociedade civil, de fins não lucrativos, fundada em 6 de agosto de 1979 e instituída pelo Decreto n.º 85.809, de 11 de março de 1981. Possui dois intitutos: o de Ciências Exatas (ICEX) e o de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA).

Quanto à trajetória escolar das turmas

A partir dos mapeamentos de desempenho das turmas relativos aos seis cursos ofertados pela IES, em estudo, e do tratamento estatístico dado ao insucesso dos alunos apurados nesses mapeamentos, elaborou-se a Tabela 1.

Tabela 1. Percentual de perdas e de concluintes, por curso, em relação à matrícula inicial das turmas de graduandos do 1º semestre de 2001.

CURSO	Matrícula Inicial		Perdas no Curso		Concluintes	
	Real	%	Real	%	Real	%
ASI: Administração em Sistemas de Informações	93	100	56	60,2	37	39,8
PD: Tecnologia de Processamento de Dados	84	100	41	48,8	43	51,2
AH: Adm. - Hab. em Administração Hospitalar	72	100	28	38,9	44	61,1
CEX: Adm. - Hab. em Comércio Exterior	86	100	46	53,5	40	46,5
CCO: Ciências Contábeis	120	100	64	53,3	56	46,7
CEC: Ciências Econômicas	83	100	61	73,5	22	26,5
Total	538	100	296	55,0	242	45,0

Fonte: Dados da Secretaria Geral da UNEB

Embora o curso de CCO apresentasse o maior número absoluto (64) de alunos evadidos do curso, os dois cursos de maiores índices percentuais de perdas recaíram no de CEC, com 73,5%, correspondendo a 61 alunos do total de 83 ingressantes e no de ASI, que registrou 60,2%, equivalendo a 56 sobre os 93 alunos inicialmente matriculados. O curso de AH – apresentou o menor índice de perdas: 38,9%, correspondendo a 28 sobre 72 alunos matriculados no primeiro período. E, logicamente, este foi o que apresentou maior número de formandos, com 44 (61,1%) alunos, contra 22 (26,5%) e 37 (39,8%) de CEC e ASI, respectivamente.

É importante salientar que a formatação do curso de CEC é de 10 semestres letivos, igualmente a do curso de CCO, e os demais cursos são de 8, com exceção de PD, que é de 6 semestres letivos. Assim, em comparação com o curso de CCO, o de ASI apresentou-se menos produtivo. A questão da duração do curso parece não ter influência no percurso acadêmico dos alunos.

Ao se analisar cada curso, abstraindo-se o número de perdas entre os semestres letivos, a situação evidenciada foi semelhante à da configuração geral, como revela a Tabela 2, relativa ao quantitativo não cumulativo de alunos evadidos na passagem entre os semestres letivos.

Tabela 2. Quantitativo não cumulativo de perdas por curso e intersemestre letivo das turmas de graduandos do 1º semestre de 2001.

Período do Curso	ASI	PD	AH	CEX	CCO	CEC
1º para 2º	24 - (42,8%)	10 - (24,4%)	4 - (14,3%)	10 - (21,8%)	23 - (35,9%)	28 - (45,9%)
2º para 3º	25 - (44,6%)	16 - (39,0%)	11 - (39,3%)	13 - (28,3%)	9 - (14,1%)	9 - (14,8%)
3º para 4º	2 - (3,6%)	6 - (14,6%)	7 - (25,0%)	8 - (17,4%)	19 - (29,7%)	8 - (13,1%)
4º para 5º	2 - (3,6%)	5 - (12,2%)	3 - (10,7%)	2 - (4,3%)	8 - (12,5%)	3 - (4,9%)
5º para 6º	2 - (3,6%)	4 - (9,8%)	2 - (7,1%)	6 - (13,0%)	3 - (4,7%)	5 - (8,2%)
6º para 7º	1 - (1,8%)	-	0 - (0,0%)	4 - (8,7%)	2 - (3,1%)	0 - (0,0%)
7º para 8º	0 - (0,0%)	-	1 - (3,6%)	3 - (6,5%)	0 - (0,0%)	6 - (9,9%)
8º para 9º	-	-	-	-	0 - (0,0%)	1 - (1,6%)
9º para 10º	-	-	-	-	0 - (0,0%)	1 - (1,6%)
Total de Perdas (100%)	56	41	28	46	64	61

Fonte: Dados originais da Secretaria Geral da UNEB.

Observou-se que o intersemestre de maior quantitativo de perdas (somatório do número de evasão, trancamento, transferência e desistência), não cumulativo de alunos, foi o de 2º para o 3º período semestral, incidindo em quatro dos seis cursos em análise, quais sejam ASI, PD, AH e CEX. Os dois outros cursos, CCO e CEC, diferenciaram nos intersemestres, pois ambos caracterizaram-se por perder mais alunos logo do 1º para o 2º período do curso.

Para verificar a natureza das disciplinas em que mais alunos foram reprovados e se o semestre de ocorrência dos maiores índices de reprovação correspondia ao primeiro período do intersemestre de maior perda de alunos, abstraíram-se, a partir dos mapeamentos, os quantitativos de insucesso das disciplinas de cada semestre, cursadas pelos 538 alunos inicialmente matriculados, dos seis cursos de graduando em análise. Expõe-se a seguir o Quadro 1, destacando as cinco disciplinas de maiores índices de insucessos.

Observou-se que as disciplinas que mais reprovaram alunos, ao longo do curso, em sua maioria, pertenciam à área de Ciências Exatas. Ao se levar em conta apenas os componentes curriculares

de maior índice de reprovação por curso, pode-se dizer que 100% deles pertenceram à área do conhecimento que exige maior raciocínio lógico-matemático. É oportuno resgatar, aqui, a tabulação das repostas registradas, no instrumento de coleta de dados, pelos 57,6% alunos dos 59 graduandos dos dois cursos de maiores índices de evasão (CEC e ASI), que afirmaram ter vivenciado algum período ou disciplina mais difícil no seu curso.

Quadro 1: Área de conhecimento das cinco disciplinas que mais reprovaram alunos das turmas de graduandos do 1º semestre de 2001.

Curso	Área de Conhecimento	
	Ciências com Base no Raciocínio Lógico-Matemático	Outras Ciências
ASI	1. Cálculo I 2. Cálculo II 3. Introdução à Programação 4. Estatística e Probabilidade 5. Linguagem de Programação I	
PD	1. Cálculo II 2. Introdução à Programação 3. Cálculo Numérico 4. Cálculo I 5. Economia e Finanças, Linguagem de Programação I e Estatística e Probabilidade	
AH	1. Contabilidade Geral 2. Matemática II 3. Análise de Balanço 5. Estatística I	2. Teoria Geral da Administração I 4. Filosofia
CEX	1. Estatística I 3. Matemática II 5. Matemática I	2. Teoria Econômica II 4. Teoria Geral da Administração I
CCO	1. Matemática Financeira I 2. Contabilidade Comercial I 5. Contabilidade Geral I	3. Legislação Societária 4. Direito Aplicado II - Legislação Comercial
CEC	1. Matemática III 4. Matemática II 5. Matemática I	2. Contabilidade Social 3. Desenvolvimento Socioeconômico

Fonte: Dados originais da Secretaria Geral da UNEB.

Sobre as pré-condições de aprendizagem

Um dos fatores do sucesso escolar refere-se à qualidade das atividades pedagógicas desenvolvidas por uma organização escolar em função das necessidades dos alunos em dificuldade de aprendizagem. Quanto mais a organização for sensível às pré-condições de aprendizagem desses alunos e à adequação qualitativa das ações educativas, maior chance terá o aluno de permanecer no ambiente escolar. Nesse sentido, tendo em vista a suposição de menor sucesso por parte dos alunos serem aquelas que exigem muito raciocínio lógico-matemático, indagou-se aos 59 alunos graduandos do curso de CEC (22) e ASI (37) se concordam ou discordam acerca da seguinte interrogação: "se houvesse uma abordagem introdutória, antes de estudar os temas que exigem muito raciocínio lógico-matemático, você acredita que poderia haver um maior aproveitamento dos temas abordados?" No curso de CEC, 100% dos graduandos

concordaram com a afirmação, e, no curso de ASI, 30 (83,3%) dos 36 respondentes concordavam com a ação pedagógica e 6 (16,7%) graduandos discordaram da idéia (um formando do curso de ASI deixou a questão em branco). Se os que obtiveram sucesso concordaram com o benefício, presume-se o quanto não se teriam favorecido com essa ação aqueles que foram reprovados em Cálculo I (ASI) ou em Matemática III (CEC). Foi também investigada a situação dos 35 e dos 20 alunos que obtiveram insucesso nessas respectivas disciplinas. dos cursos de ASI e CEC. Em ASI, 17 (48,6%) evadiram-se definitivamente do curso e 18 (51,4%) permaneceram no curso, dos quais apenas seis fizeram parte dos respondentes à indagação e os outros 12 cursavam os semestres em atraso curricular. Já, no curso de CEC, a maior parte (11 = 55%) desistiu do curso e 9 (45%) permaneceram no curso, porém, apenas três desses pertenciam ao conjunto da amostra de graduandos e os outros 6 cursavam os semestres anteriores ao último período do curso.

Portanto, a implementação de uma ação pró-ativa ou recuperativa pedagógica imediata poderia ter reduzido o índice de perdas em 51%, aproximadamente. Por outro lado, o fato de existir alunos que obtiveram insucesso nessas disciplinas entre os graduandos torna as suas respostas mais densas e consistentes.

Sobre os conteúdos significativos e sua funcionalidade

Coll (2000) afirma que existe uma relação direta entre conteúdos significativos e o nível de assimilação dos mesmos. Nesse sentido, indagou-se aos 59 graduandos da amostra se eles aprendiam porque os conteúdos estavam desafiando-os a pensar e se tinham significado para eles, ou não. Os 22 (100%) graduandos de CEC afirmaram que concordavam e, em proporção menor, mas significativa, no curso de ASI, 30 (83,3%) dos 36 respondentes também concordaram com a afirmativa e 6 (16,7%) discordaram do fato.

Quanto à relevância utilitária do conteúdo, pela sua aplicação prática na vida profissional, 19 (95%) dos 20 graduandos de CEC, respondentes à questão sobre a funcionalidade do conteúdo, registraram concordância com a seguinte proposição: "quanto maior a aplicabilidade do conteúdo à vida profissional, à realidade e à sua vida, mais fácil foi aprender as matérias". Nessa questão, apesar de dois alunos de CEC deixarem de registrar as suas contribuições, 19 (95%) dos 20 respondentes foram favoráveis à assertiva e apenas um (5%) registrou não conformidade. Já, no curso de ASI, a maioria dos 36 respondentes, no quantitativo de 31 (86,1%), concordou com a funcionalidade do conteúdo e apenas cinco (13,9%) discordaram da afirmativa.

Sobre planejamento, métodos de ensino e clima de aprendizagem

Bom planejamento, boa organização, formas não coercitivas, mas incentivadoras, na condução do processo de ensino-aprendizagem, e postura mediadora do professor entre o conhecimento e o sujeito ativo da aprendizagem são fatores fundamentais para uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, o comportamento das respostas dos graduandos dos dois cursos se assemelhou, quando indagados sobre esses assuntos, como se pode confirmar na Tabela 3.

Tabela 3. Percentuais de respostas dos graduandos de CEC e ASI sobre a metodologia do curso e estratégias didáticas, planejamento, organização do professor e clima de aprendizagem

Afirmações propostas	Concorda		Discorda	
	ASI	CEC	ASI	CEC
1. Os conteúdos, que mais você conseguia assimilar, eram facilitados pela metodologia do curso e estratégias didáticas do professor.	25 (69,4%)	15 (68,2%)	11 (30,6%)	7 (31,8%)
2. As disciplinas em que você foi relativamente bem tinham a ver com o seu nível de motivação e incentivo do professor.	29 (80,6%)	19 (86,4%)	7 (19,4%)	3 (13,6%)
3. Os professores, em sua maioria, além de dominar o conteúdo, eram éticos, se preocupavam com a sua aprendizagem e não tinham problemas de relacionamento com os alunos.	13 (36,1%)	5 (22,7%)	23 (63,9%)	17 (77,3%)
4. Você conseguia se estruturar nas tarefas das matérias porque o professor também era organizado e planejado.	16 (44,4%)	8 (36,4%)	20 (55,6%)	14 (63,6%)
5. Você conseguia aprender porque o professor criava um ambiente sem terrorismo, de segurança e você se sentia livre para errar e aprender com os seus próprios erros.	16 (47,1%)	7 (31,8%)	18 (52,9%)	15 (68,2%)

Fonte: Dados originais da pesquisa de campo.

Sobre as funções da avaliação da aprendizagem

Visando averiguar a qualidade do acompanhamento da aprendizagem praticado pelos professores com os graduandos, relativa à avaliação da aprendizagem, apresentou-se-lhes a seguinte proposição: “a maioria dos professores do curso, após a avaliação, comentava a prova e reorientava os alunos sobre a adequada maneira de pensar, de fazer e de agir, amigavelmente, e só após prosseguia o programa”.

Como o mais baixo índice de frequência registrado no questionário sobre os dez itens referentes ao desenvolvimento do currículo, houve concordância de dois (9,0%) e oito (22,2%) dos 22 e 36 graduandos respectivos dos cursos CEC e ASI. A maioria, 20 (91,0%) de CEC e 28 (77,8%) de ASI, não concordou com a afirmativa proposta.

Portanto, a praxis pedagógica, vivenciada pela grande parte dos graduandos, ainda não permitiu catalogar manifestações

de mudança da velha prática de avaliar, embora a IES estudada tenha desenvolvido seminários e cursos para o aperfeiçoamento da prática docente, a exemplo do curso de especialização *latu sensu* de Metodologia do Ensino Superior, implementado pela Coordenação de Pós-Graduação e Extensão – COPEX, semestralmente.

Sobre projeto curricular

A apreciação técnica dos programas das disciplinas de Cálculo I do curso de ASI e Matemática III de CEC, trabalhados pelos graduandos à época permitiu observar que os mesmos apresentaram:

- indicação de material didático, em termos de referência bibliográfica básica e complementar, em ambos os componentes curriculares em questão;
- não explicitação dos critérios de avaliação,
- seqüência lógica dos conteúdos, apresentando-os do simples ao complexo, da parte para o todo, dos tópicos conhecidos para os desconhecidos, inclusive, com incorporação de itens introdutórios em forma de revisão dos pré-requisitos para a compreensão do novo conteúdo;
- epítome, constituído das unidades temáticas abrangentes, a serem desenvolvidas em ambos os componentes curriculares;
- ausência de explicitação das formulações de intenções educativas, sendo esta forma uma opção institucional para efeitos de divulgação do projeto curricular entre o corpo discente, segundo orientações emanadas pela Secretária Geral da IES em estudo.

Os 59 graduandos também opinaram sobre os projetos curriculares de suas disciplinas, de modo geral, quanto aos aspectos de clareza da essencialidade dos conteúdos, metodologia de estudo e modo de avaliação e fontes bibliográficas. As respostas por eles registradas não foram unânimes na concordância da observância desses itens nos programas curriculares, uma vez que 15 (68,2%) de CEC e 20 (55,6%) de ASI discordaram da seguinte afirmativa: “O programa das disciplinas que compunham o curso mostrava claramente o conteúdo essencial que você tinha que assimilar para a sua formação profissional, inclusive o modo como você ia estudar e ser avaliado e as fontes bibliográficas clássicas e atualizadas”. O quantitativo de graduandos que concordou com a asserção foi sete (31,8%) de CEC e 16 (44,4%) de ASI.

Apesar da IES em estudo distribuir, no início de cada semestre, todos os projetos curriculares das disciplinas a serem cursadas no período letivo a cada aluno, evidenciou-se que os mesmos não atingiram ainda os seus objetivos junto aos alunos.

Sobre os aspectos que influenciam o insucesso e o sucesso escolar

Alguns pontos relevantes, obtidos em reuniões pedagógicas, apontados pelos professores das disciplinas de Cálculo I e II do curso de ASI e pelos membros do DME do

ICEX, que influenciam o insucesso escolar da maioria dos alunos:

- ausência de pré-requisitos básicos, em nível de Ensino Médio, necessários à aprendizagem de determinados conteúdos;
- atitude acomodada do aluno, sem consciência do significado de estar na Educação Superior, do espírito acadêmico, inclusive de que se devem assumir as suas próprias dificuldades e tentar superá-las;
- desinteresse em buscar informações que agregam valor ao conhecimento científico e profissional que se trabalha no curso;
- passividade do aluno acostumado a receber tudo "mastigado";
- pouca troca e discussão entre alunos para refinar os conceitos e clarear entendimentos dos diferentes aspectos, dos caminhos e das alternativas para solução de situações-problema.

Observa-se que a ênfase maior, das causas atribuídas quanto ao insucesso escolar, pertencem ao conjunto das causas não de responsabilidade da escola. Conforme Melo (1982, p.98), devido ao fato dos alunos não apresentarem o perfil de aluno com o qual eles idealizaram para trabalhar, "essa estratégia de culpar a vítima (...) pode ser um recurso para justificar as dificuldades materiais e técnicas com as quais esses professores se defrontam no trabalho".

Os aspectos que influenciam o insucesso, levantados pelos professores, evidenciaram ser interessantes, pois os 55 dos 59 alunos graduandos, que conseguiram se formar no curso, fizeram referência justamente a esses pontos, como fatores importantes que os condicionaram à obtenção do título de Bacharelado em ASI e CEC, como se pode confirmar na Tabela 4, cujas respostas, apresentadas por ordem decrescente de importância e prioridade apontadas, com respectivos percentuais de frequência, por curso, são "maduras", pois revelaram possuir um comportamento consciente das responsabilidades discentes e que propiciava o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades de forma mais autônoma, em ambiente acadêmico.

Observou-se que o perfil dos alunos graduandos configurava-se pela participação de forma ativa e crítica nas atividades pedagógicas, contribuindo com suas experiências pessoais e profissionais, em sala de aula; eram estudiosos proativamente e responsáveis com seus deveres acadêmicos, abrindo mão dos finais de semana, quando necessário; sanavam suas dúvidas com os professores com antecedência às avaliações; liam jornais, revistas técnicas e pesquisavam informações na Internet; faziam leituras além da indicação bibliográfica; possuíam as matérias em dia; e procuravam manter um bom relacionamento com os seus colegas e professores.

Tabela 4. Determinantes do sucesso escolar, na ótica dos alunos graduandos do 1º semestre de 2001, do curso de ASI e CEC.

Regra	Determinante	Incid. de Respostas	
		ASI	CEC
1	Na sala de aula, demonstre interesse e participe das discussões, colocando o seu ponto de vista e contribuindo com as suas vivências pessoais e profissionais.	29 (87,9%)	21 (95,5%)
2	Nunca estude de última hora. Mostre interesse pela disciplina, estudando-a com antecedência para ir tirando as dúvidas com o professor.	29 (87,9%)	18 (81,8%)
3	3.1 Estude, estude e estude. De preferência, antes de o professor explicar ou orientar a aprendizagem da matéria em sala de aula.	27 (81,8%)	18 (81,8%)
	3.2 Procure, por iniciativa própria, ler e pesquisar a matéria além do livro básico recomendado no programa.	27 (81,8%)	18 (81,8%)
4	Esteja sempre com os assuntos atualizados, por meio da leitura em jornais e em revistas técnicas e da pesquisa na Internet.	27 (81,8%)	17 (77,3%)
5	Seja qual for a dúvida, pergunte ao professor, a despeito da gozação, caso estiver em sala de aula.	26 (78,8%)	17 (77,3%)
6	Organize-se, mesmo com "xerox" dos apontamentos dos colegas assíduos. Tenha sempre, em mãos, toda a matéria.	25 (75,8%)	16 (72,7%)
7	Mantenha, de sua parte, um bom relacionamento com o professor e com os colegas.	26 (78,8%)	14 (63,6%)
8	Nunca copie exercício do colega. Procure fazê-lo com as próprias capacidades, para depois discutir as dificuldades encontradas.	20 (60,6%)	16 (72,7%)
9	Seja crítico (e não ingênuo), mas não chato, nas colocações em sala de aula ou em trabalhos em grupos.	23 (69,7%)	11 (50,0%)
10	Abra a mão dos finais de semana, Sábado e domingo, especialmente, quando se tem prova ou entrega de trabalho acadêmico	17 (51,5%)	15 (68,2%)

Fonte: Dados originais da pesquisa de campo.

FATORES DETERMINANTES DO SUCESSO ESCOLAR

As variadas e densas informações obtidas nos registros escolares, no instrumento de coleta de dados e em reuniões pedagógicas com professores, acrescidas dos depoimentos de alguns gestores institucionais, abriram um leque de possibilidades de registro de fatores que determinam o êxito escolar. Contudo, apenas os pontos essenciais aderentes aos objetivos e às hipóteses, alicerçados na fundamentação teórica serão apontados como elementos contributivos e propiciadores do sucesso escolar dos alunos.

Determinantes Discentes

Do ponto de vista da atuação do aluno graduando, a performance do seu sucesso escolar está condicionada a sete quesitos:

1. *Conscientização da qualificação profissional, em função do mercado* – essa atitude projeta o aluno na busca da formação necessária para a sobrevivência no contexto produtivo e competitivo;
2. *Determinação em concluir o curso* – ao se tomar decisões, estas se transformam em metas, delimitando as ações do aluno e influenciando na decisão da busca de realizações, por meio da priorização de atividades entre o estudo e o lazer, por exemplo, quando necessário;
3. *Prontidão para aprender* – contato prévio com o objeto cognoscível por parte do aluno implica atitude pró-ativa em relação às aprendizagens significativas. O aluno que assim procede possui maiores oportunidades de sanar as suas dúvidas, ainda em sala de aula, fixando os pontos básicos da unidade temática trabalhada;
4. *Busca da ampliação e reconstrução de conhecimentos* – o interesse do aluno em buscar e enriquecer os conhecimentos, além da bibliografia básica, demonstra atitude pró-ativa para ampliar o contorno das informações e conhecer posições de diferentes autores, aprofundar a discussão em sala de aula e participar efetivamente na construção coletiva da ressignificação dos conteúdos programáticos propostos;
5. *Planejamento e organização* – não só o professor deve planejar o processo de ensino-aprendizagem; o aluno também deve preparar-se para o seu contato com o cognoscível e a participação em sala de aula, independente do professor, inclusive nos momentos de estudos fora da sala de aula, mantendo sempre as matérias e os conhecimentos sistematizados atualizados e organizados, planejando e efetivando os trabalhos acadêmicos nos prazos previstos;
6. *Auto-emulação* – o aluno desafia-se a si próprio na superação de um desempenho insatisfatório, quando ocorre, inclusive, da sua condição de não graduado; motiva-se para a permanência com sucesso na busca do conhecimento científico, da apropriação de tecnologias e métodos, da compreensão das dicotomias inerentes aos sistemas. O aluno demonstra coragem para pensar sobre os elementos que lê, ouve e vê, refletir sobre eles e fazer, por si próprio, uma nova leitura ou propor um novo paradigma, de forma que se torne mais capacitado para o exercício da profissão com autonomia e competência;
7. *Cultivo da competência social* – o relacionamento amistoso do aluno com o professor e seus colegas mantém o clima de confiança e colaboração no processo de ensino-aprendizagem, principalmente no intercâmbio de conhecimentos, no trabalho construtivo em equipe, no expressar as críticas positivas ou o seu ponto de vista, sem provocar estresse. Não se trata de cumprimento de regras de condutas sociais, mas de ir aperfeiçoando a competência social para o ambiente de mercado, onde se exige um alto

grau dessa habilidade. Na visão de Assmann e Sung (2000, p.219).

"Competência social significa (...) responsabilidade, know-how flexível em certos tópicos, prestígio, reconhecimento, (...), habilidade de ampliar seus pontos de vista, de enxergar e sentir as necessidades dos demais, de ter êxito ao mesmo tempo em diversos níveis: o profissional, o pessoal e o social".

Determinantes Docentes

Do ponto de vista do papel do professor, apurado no estudo, o sucesso escolar é determinado pelos seguintes fatores de responsabilidade docente:

1. *Motivação e incentivo do professor* – a sinergia criada no ambiente de sala de aula facilita a aprendizagem significativa pelo aluno, influenciando o seu desempenho positivamente na disciplina de responsabilidade do professor;
2. *Desenvolvimento das pré-condições de aprendizagem* – iniciar uma unidade temática com abordagem introdutória, para propiciar as pré-condições de aprendizagem, significa possibilidades maiores de garantia de um maior aproveitamento e assimilação por parte do aluno;
3. *Seleção de conteúdos significativos e funcionais* – o nível de aquisição de aprendizagens significativas pelo aluno está condicionado aos conteúdos que o desafiam a pensar e que apresentam aplicabilidade à sua vida ou à profissão que exerce;
4. *Consciência do papel da avaliação* – a compreensão das funções da avaliação e a incorporação do seu significado à sua *práxis* pedagógica significam administrar com eficiência o desenvolvimento dos alunos, por meio de reposicionamento mútuo, reorientação do processo de ensino-aprendizagem, compreensão das diferenças individuais e das múltiplas inteligências, em graus diferenciados, dos alunos. Segundo Gardner (2000, p.201), "cabeças humanas não funcionam da mesma maneira, e os seres humanos não têm todos os mesmos pontos fracos e os mesmos pontos fortes. A consciência disso deve influir muito em nossa maneira de ensinar e de avaliar o que os alunos aprenderam.";
5. *A relação professor-aluno* – a qualidade relacional interpessoal entre professor e aluno, fruto de um ambiente didático criado pelas comunicações orais reflexivas, oportunizadas pelo professor para manifestar-lhe interesse e atitude de ajuda, influencia-o na autoconfiança, no seu autoconceito, criando um estado de auto-eficácia (Morales, 1999). Esse estado de espírito estimula-o e motiva-o na permanência no ambiente escolar.

Determinantes Institucionais

No que tange aos determinantes institucionais, de responsabilidade da instância pedagógica, cabem citar fatores ligados à estrutura curricular analisada e às ações educativas implementadas pela IES:

1. *Natureza estrutural do currículo* – a arquitetura curricular

sem hiatos, sem concentração de disciplinas, que exigem muito do raciocínio lógico-matemático, num mesmo período letivo, uma arquitetura aberta e sem rigidez, constitui fator determinante para o aluno na continuidade sem trauma do seu trajeto acadêmico, tendo em vista o campo do saber dos cursos;

2. *Implementação de alternativas de ações educativas* – sanar as deficiências de aprendizagens, levando-se em conta as diferenças individuais, e ofertar disciplinas, de maior incidência de dependência curricular, via metodologias adequadas e tipos de cursos diferenciados, certamente, contribuem para a permanência do aluno com sucesso, permitindo-lhe o prosseguimento de seu trajeto escolar;

3. *Flexibilização do regime curricular* – a flexibilidade curricular promove uma adaptabilidade maior do ritmo de aprendizagem e disponibilidade do estudo por parte do aluno. Nesse sentido, sistemas rígidos não são adequados à dinâmica atual e ao contexto mercadológico, muito menos, esquemas curriculares fechados, que implicam tanto o cerceamento do avanço do aluno como a retenção forçada, imposta por quantitativos de disciplinas reprovadas.

Os fatores abordados, relacionados ao sucesso escolar, não são estanques; sendo ora recorrentes, ora implicativos, especialmente aqueles diretamente ligados ao processo de ensino-aprendizagem. Isto é, os determinantes mais fortes do sucesso escolar estão relacionados às dinâmicas internas da sala de aula, no modo como os alunos trabalham sob a orientação do professor, por meio de esquemas próprios, criados no seio da cultura escolar, para a autonomia cada vez mais ampla na tarefa de aprender, saber fazer e ser competentemente atuantes no contexto em que se inserem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal conclusão que se pode inferir é que a postura do aluno perante o objeto cognoscível, sob a orientação estratégica do professor, foi o fator alavancador de aprendizagens significativas para a formação profissional do aluno.

Como outras conclusões específicas têm-se:

- A escolha do curso pelo aluno não se realizou, essencialmente, pela vocação ou engajamento já na área profissional, pois poucos alunos revelaram que trabalhavam na área profissional na qual estavam se formando;
- O condicionante principal da conclusibilidade do curso foi “determinação dos alunos” em se formar, embora fatores exógenos tenham sido citados, em percentuais inferiores a 25% em ambos os cursos, tais como incentivo dos familiares, amigos e professores para não desistir do curso. Portanto, o perfil do aluno, em conclusão de curso, revela um desempenho individual além das possibilidades normais;
- Na visão dos alunos entrevistados, o semestre mais difícil para o aluno é aquele em que mais se exige competência lógico-matemática;
- De acordo com a situação observada, pode-se concluir que poucos são os professores que, em função do modelo de curso e ideologia da igualdade vigente, possibilitavam o *feedback* necessário aos alunos, em dificuldades de

aprendizagens, após a avaliação, manifestando o desconhecimento de uma prática, entre grande parcela do corpo docente dos cursos de ASI e CEC, que não atentou ao caráter diagnóstico de re-posicionamentos recíprocos e à tarefa da filosofia aplicada à educação.

Além das conclusões já elencadas, outras relevantes podem ser aqui documentadas, tais como, a convergência dos fatos que emergiram, na correlação feita entre o número de candidatos por vaga dos cursos de graduação da IES estudada e as observações de Paredes (1994), de que o índice de evasão nos cursos de maior procura por candidatos no vestibular é menor do que o do curso de pouca procura, na relação número de candidatos por vaga em processos seletivos. Constatou-se tal situação para os cursos de CEX e CCO, que possuem concorrentes no mercado universitário distrital, mas não se repetiu para AH, que se caracterizou como curso de menor perda de alunos. A provável explicação para a não-ocorrência de semelhante situação recaiu no fato de esse último curso ser o único, ainda, ofertado no âmbito do Distrito Federal e Entorno.

Se Gardner (1995, p.21) definiu inteligência como “capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários”, podemos inferir que os graduandos-amostra da pesquisa constituíram-se na autoria inteligente da sua própria formação competente, pois os profissionais formados resolveram o “enigma de suas sobrevivências no seio universitário”, e concluíram o curso, que a grande maioria de seus colegas não conseguiram.

Em síntese, o presente estudo de caso permitiu demonstrar a possibilidade de se explicitar os fatores determinantes do sucesso escolar, baseada na investigação direta, na identificação das falhas no currículo escolar, com vistas à prática de novas intenções educativas e à eficiência dos cursos de graduação estudada.

BIBLIOGRAFIA

- ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- COLL, César. *Psicologia e currículo: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar*. 5.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Howard Gardner; trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- _____. *Inteligência: um conceito reformulado*. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Objetiva Ltda, 2000.
- GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- MORALES, Pedro. *A relação professor-aluno: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

- PAREDES, Alberto Sanchez. *A evasão do terceiro grau em Curitiba*. Série Documentos de Trabalho NUPES (Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo), n.º 6/94. São Paulo, 1991.
- PEDRA, José Alberto. *Currículo, conhecimento e suas representações*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. *O ensino superior público e particular e o território brasileiro*. Brasília: ABMES, 2000.
- SAVIANI, Nereide. *Saber escolar, currículo e didática: problema da unidade conteúdo/método no processo pedagógico*. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
- WEINSTEIN, Rhona S. e GOOD, Thomas L. As escolas marcam a diferença: evidências, críticas e novas perspectivas. In: NÓVOA, António. *As organizações escolares em análise*. 3.ed. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote Ltda, 1999. p.77-98.

UMA LEITURA SEMIÓTICA E OS LIMITES DE UMA NOVA LINGUAGEM: DOIS POEMAS VISUAIS

Nancy Neves ¹, Maria do Rosário de F. V. Gregolin ²

¹ Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG

Instituto Superior de Educação - ISEd

Av. Cel. José Alves, 256, Vila Pinto. CEP: 3710-540, Varginha-MG/Brasil

e-mail: nancy@unis.edu.br

RESUMO

A busca de um meio eficaz para a leitura do poema visual conduziu-nos à Análise do Discurso (AD.) semiótica. Este método desenvolvido por A. J. Greimas possibilita a construção do percurso gerativo do sentido a partir da divisão do texto em camadas, desde a mais profunda ou abstrata até a de superfície ou concreta. No entanto constatamos que as especificidades do nosso objeto de análise não permitem a aplicação minuciosa do modelo proposto pela AD. semiótica. Por isso, ante a dificuldade de se estabelecer, nos dois poemas que constituem a matéria do presente trabalho, um esquema narrativo que hierarquizasse as suas unidades sintáticas, passamos à sintaxe e à semântica discursiva. Pode-se assim constatar nestes textos que os efeitos de sentido, de enunciação e de realidade foram obtidos através de recursos como a ocupação do espaço, o modo de se organizar a seqüência, a montagem e a escolha dos elementos que compõem, no discurso poético-visual, a sua tematização. Verificamos com isso a caracterização de isotopias e conseqüentemente a coerência textual nos exemplos escolhidos, por meio do exame do plano da expressão na sua relação com o plano do conteúdo.

Palavras-chave: forma e substância; isotopia; metalinguagem; coerência textual.

ABSTRACT

The search of an efficient means to read visual poem has driven us to the Semiotic Discourse Analysis (DA.). This method was developed by A.J. Greimas and it has allowed the construction of the sense generative course based on levels, from the deepest or abstract level to the superficial or concrete one. Nevertheless, we consider that the specificities of our analysis object do not allow the detailed use of the model proposed by the Semiotic Discourse Analysis. Therefore, facing the difficulty to establish in the two poems that make part of the present work, the narrative scheme that could create a hierarchy of their syntactic units, we decided to pass to the syntax and to the discursive semantics. So, we can evidence in these texts the sense effects, the ones of the utterance (enunciation) and those of reality were obtained through resources as space occupation, the way to organize the sequence, the making of and the choice of the elements that make part in poetic-visual discourse of its theme or topic. Then, we could verify the characterization of isotopies and the textual coherence in the chosen examples by the examining of the expression plan in relation with the context plan.

Key words: form and substance, isotopy, metalanguage, textual coherence

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é demonstrar o modo como se dá a produção de sentidos na poesia visual. Faremos uma tentativa de análise de dois textos poéticos:

1º) aquele onde o sentido é gerado por uma linguagem específica, decorrente das possibilidades oferecidas pelo formato das letras, como acontece no poema *LIFE* (1957) de D. Pignatari (apud MENEZES, 1991: 72).

2º) o texto em que a produção de sentidos resulta da articulação de signos verbais e visuais. Aqui o poema *PAI/PAZ* (1985), de A. de Araújo, será tomado como exemplo.

Antes de passarmos à análise dos poemas e para mitigar, nesta leitura, aquela intuição ingênua que todos nós leitores

teríamos da poesia, segundo Greimas, impõe-se a exposição de alguns princípios sobre o objeto poético, os quais teremos em mente no decorrer destas nossas considerações. Esses princípios são assim expressos pelo autor:

para formar uma primeira idéia do objeto da semiótica poética, poderíamos dizer:

a) que o discurso poético não é coextensivo ao conceito de literatura;

b) que em princípio ele é indiferente à linguagem em que é produzido;

c) que sua percepção intuitiva como discurso a um só tempo "poético e sagrado" provém dos efeitos de sentido característicos de uma classe particular dos discursos (GREIMAS, 1975: 11-12).

¹ Nancy Neves é Profa. de Lingüística, Língua Portuguesa e Semiótica do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG. Mestre pela UNESP-Car.

² Maria do Rosário de F. V. Gregolin é Doutora Livre Docente e Professora no Programa de Pós-Graduação em Semiótica da UNESP-Car. Foi orientadora deste trabalho realizado durante o curso de Semiótica por ela ministrado no ano de 1996 no referido programa. Orientou também a dissertação de mestrado de que este trabalho é parte.

Ao demonstrar o arranjo estrutural do poema *LIFE* e do poema *PAI/PAZ*, veremos, em que medida, a estrutura específica de cada um justifica os efeitos de sentido produzidos, a ponto de permitir a constituição de novos objetos poéticos.

Há de se reconhecer ainda, com Greimas (1975: 12), “que o discurso poético: é na realidade um discurso duplo que projeta as suas articulações nos dois planos — no da expressão e no do conteúdo —”.

DANDO VIDA AO POEMA

Estamos assim conscientes de que voltaremos o nosso olhar para um signo complexo, o discurso poético enquanto discurso-ocorrência num primeiro momento. Tentaremos aí deduzir o objeto poético que intuimos. Para isso examinaremos, primeiramente no poema *LIFE*, Figura 1, os processos semióticos aos quais está condicionada a produção desse objeto.

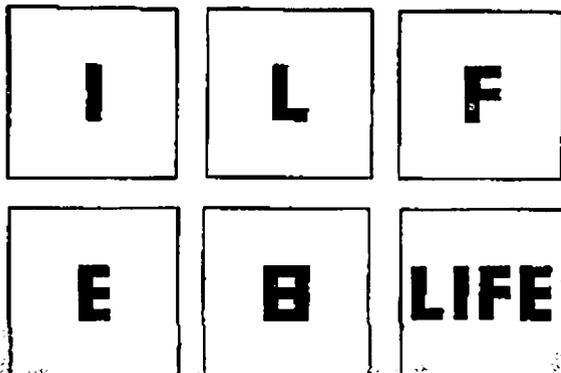


Figura 1. Poema concreto de Décio Pignatari

No plano da expressão temos os grafemas I, L, F e E apresentados, por meio de um procedimento cinético (CLÜVER, 1987). Cada letra é exibida isoladamente, possibilitando montagens que vão do não-significado da seqüência que pode ser organizada de maneiras variadas à sugestão do significado em inglês da expressão *LIFE* (*laif*), quer dizer, *vida*.

O sentido, ansiado pelo leitor desde o início, ainda não se apresenta no bloco seguinte. O que se manifesta no texto, que já vinha caolho porque constituído apenas da substância gráfica da expressão (HJELMSLEV, 1975), é um signo próprio de uma outra língua, o chinês 日 . De acordo com Ph. Menezes, este signo é obtido:

num processo de formação estelar pela aglutinação/ sobreposição dos traços das letras/elemento. (MENEZES, 1991: 71).

Vemos que o encaixe perfeito das letras possibilita a formação do ideograma sol (日), elemento desencadeador das isotopias: *luz, calor* que por sua vez recobrem a temática de gerar, dar vida. O próximo passo é a explosão do sol em vida — *LIFE*. Os grafemas se organizam na constituição do signo e do sentido do poema.

Na construção deste percurso gerativo de sentido observa-se uma relação de oposição entre *caos*, ausência da vida, e *vida*. Esta oposição é orientada no sentido eufórico, na passagem

do *caos* para a *vida*. Os grafemas desconexos do início figurativizam uma não-linguagem. Não ocorre a realização textual da expressão plena da sua forma e da sua substância (HJELMSLEV, 1975).

Somente ao se fazer *vida* (*LIFE*) desde que se tem *sol* (日) é que se organiza a sintaxe do poema. Forma-se a vida simultaneamente à geração da linguagem, e se produz o sentido enquanto é gerada essa linguagem que se estrutura e se constitui objeto poético. Esse procedimento acentua o caráter metalingüístico do poema.

UMA APARENTE FRAGMENTAÇÃO

O poema *PAI/PAZ*, Figura 2, é constituído de elementos diversos: signos verbais e visuais. Entendemos aqui os signos visuais segundo a concepção de W. Pereira, ou seja, como as “figuralidades” do texto. Isto significa considerar, enquanto tais, as imagens, os grafemas, as palavras, as frases feitas e os sinais. Para este autor:

os elementos figurados, nessas [em obras de Bengston, Indiana, Morris] e em centenas de produções recentes, deixam de valer exclusivamente como simples (e triviais) unidades de informação lingüísticas. (PEREIRA, 1976: 27).

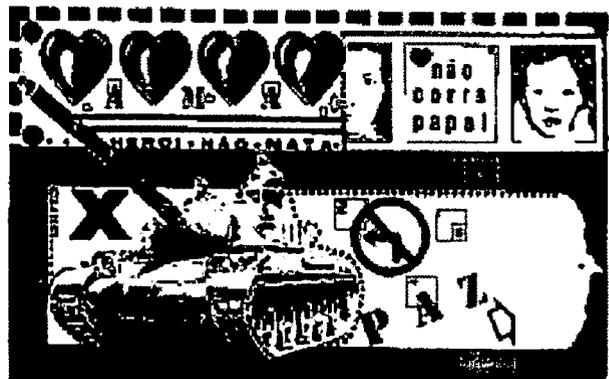


Figura 2. Poema visual de Avelino de Araújo

Ao primeiro olhar percebe-se o forte apelo visual deste poema. Há de se considerar então, como elementos inerentes à sua estrutura, todas as figuralidades aí presentes, incluem-se portanto entre tais elementos o espaço e os fatores decorrentes do modo como são nele colocadas as palavras, as imagens, os sinais, as linhas e os pontos. Tudo isto concorre para a construção do sentido, tanto quanto a forma, o tamanho e o volume destes elementos, a sua posição, os espaços em branco entre eles, os cortes, a cor, enfim, tudo aquilo que se exhibe no texto.

Alguns desses signos são destituídos de significados que lhe foram previamente atribuídos e investidos de novos significados no poema. Aí recontextualizados projetam, com freqüência ironicamente, o contexto ideológico a que pertenciam ao mesmo tempo em que o confrontam com outros valores.

Assim, por meio de um procedimento metonímico, reproduz-se no texto o elemento desencadeador de isotopias — *veículo* que se faz representar, no primeiro bloco, pela *faixa com dizeres*, freqüentemente encontrada na parte posterior dos caminhões, e pelo *painel com adesivos ou placas portando mensagens*, vistos

nos taxis e nos caminhões. No segundo bloco, o *veículo* configura-se *tanque de guerra*.

A partir disso as isotopias temáticas que percorrem o texto: *vida vs. morte, amor vs. não-amor, paz vs. discórdia, limite vs. não-limite, proibir vs. permitir* estão figurativizadas por *coração, mulher, criança, "não corra papai", "herói não mata, ama", "PAI", "PAZ, "cor branca, cor preta, tanque de guerra*.

Os sinais proibitivos **X**  reiteram o sentido dúplice do poema ao reconstituir a realidade para negá-la no próprio texto, carregando-o de ironia.

Da mesma forma, as *linhas pontilhadas* figurativizam o *limite e a fragilidade do amor e da vida*. No entanto, esses limites: da vida, do amor, de não matar, da velocidade, são passíveis de serem transpostos. Não só a delimitação com linhas pontilhadas expressam o que se acabou de dizer, como também a *sobreposição da arma à mensagem de vida e de amor*. Os limites do PAI e da PAZ, ou a sua ausência, revelam-se também pelos sinais **X**  que conjugam o espaço branco da PAZ e da palavra PAI.

Desse modo o poema revela a dupla face da sociedade contemporânea que afirma certos valores para negá-los em seguida, ou mesmo enquanto anuncia e propõe esses valores. Mostra o caráter paradoxal de uma sociedade que tem esperança e crê nesses valores, ainda ante a evidência do seu contrário.

A veiculação dinâmica dos temas antagônicos no poema, por meio do encadeamento das imagens, ou da sua montagem, iconiza a rapidez com que um contrato é rompido, figurativiza a simultaneidade existente entre contrato e negação do contrato: de amor, de preservação da vida, de paz, da existência de PAI. Reproduz a ironia disso tudo ao se fazer ele mesmo — poema — paradoxo.

Para concluir esta leitura pode-se dizer que, nos dois poemas, o plano da expressão produz sentido por ser construído de forma a correlacionar-se à temática. Isto, de acordo com D.L.P. de Barros (1990: 82), "instaura um novo saber sobre o mundo".

UMA POESIA LIVRE E COESA

Em LIFE, reproduzindo aqui uma expressão de C. Clüver (1987: 36), "Pignatari [...] exploits the accident".

A estruturação do objeto poético é possível graças ao formato das letras que permite a composição do ideograma chinês , signo onde se apóia a construção do sentido. As possibilidades de manifestação textual dessa espécie de poema, por estarem vinculadas ao aspecto formal dos signos que o compõem, limitam as possibilidades de realização de novos poemas por meio dos procedimentos acima descritos.

Já no poema PAI/PAZ, a sintaxe se organiza na articulação de significados inferidos dos signos verbais e visuais. A montagem desses elementos na composição da estrutura e do sentido do poema é feita de modo a lhe garantir autonomia formal e coerência textual. Essa maneira de construir o objeto poético permite que novos sentidos, novos objetos poéticos sejam realizados a partir do mesmo material.

AGRADECIMENTOS

A Wilson Pereira por ter colocado diante dos meus olhos a lupa para *vler* o poema visual e por ter orientado, enquanto esteve entre nós, minha dissertação de mestrado - Pegadas na argila: do gesto ao signo no poema visual

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, A. de. *O Olho Nu*. Natal, edição do autor, 1995.
- BARTHES, R. Significado e Significante. In: *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BARROS, D. L. P. *Teoria Semiótica do Texto*, São Paulo: Ática, 1990.
- CLÜVER, C. "Languages of the Concrete Poem". In: *Transformations of Literary Language in Latin American Literature From Machado de Assis to The Vanguard*. Texas, Abaporu Press, 1987.
- GREIMAS, A. J. Por uma teoria do discurso poético. In: *Ensaio de Semiótica Poética*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1961.
- JAKOBSON, R. Linguística e Poética. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- MENEZES, Ph. *Poética e Visualidade, uma trajetória da poesia brasileira contemporânea*. Campinas: UNICAMP, 1991.
- PEREIRA, W. J. *Escritema e Figuralidade nas artes plástica contemporâneas*. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1976.

PADRÕES MOTORES FUNDAMENTAIS: IMPLICAÇÕES E APLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL

Jorge Alberto de Oliveira¹

¹ Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS-MG
Instituto Superior de Educação - ISEd.
Av. Cel. José Alves, 256, Vila Pinto. CEP: 3710-540, Varginha-MG/Brasil
e-mail: jadolive@unis.edu.br

RESUMO

O objetivo deste ensaio é fazer uma análise dos padrões motores fundamentais e apresentar algumas tarefas que os aprimorem, enriquecendo com movimentos variados as atividades corriqueiras de crianças da pré-escola e escola. Para tanto foi feita uma análise da seqüência de desenvolvimento dos padrões motores, correr, saltar, arremessar, agarrar, chutar e quicar, onde GALLAHUE & OZMUN (2001) e ROBERTON (1984) os dividem em estágios, inicial (primitivo), elementar (intermediário), e maduro (avançado). Esta faixa etária de crianças pré-escolares e escolares é considerada como de rápidos progressos motores. Ao chegarem no período escolar, geralmente elas se encontram no estágio inicial ou elementar de determinados padrões motores quando, na realidade, já deveriam estar no estágio maduro ou avançado, na seqüência do desenvolvimento motor. Af vemos a necessidade de se trabalhar adequadamente nas aulas de Educação Física. Portanto, procuraremos articular neste ensaio as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais para as primeiras séries do ensino fundamental.

Palavras-chave: desenvolvimento motor, estágio motor, educação física infantil

ABSTRACT

The propose this essay is to do an analysis of fundamentals motors patterns and show some tasks that the improve, enrich of movement diverse activity daily of child school and pre school. Therefore were made an analysis on sequence of motor pattern development, running, jumping, throwing, catching, kicking, where GALLAHUE & OZMUN (2001) and ROBERTON (1984) distribute them in stages, initial (primitive), elementary (intermediary) and mature (advanced). This age of children, school and pre school have been considered of fast motors progresses. The children approach in the school period, generally they are in initial stage or elementary, by determinate motors patterns, when on the reality just would must be in the stage mature or advanced in the sequence of the motor development, there we see the necessity of appropriated work on the physical education. However, we will look for to link in this essay the proposes of national curricular parameters for with the primary series instruction fundamental.

Key words: motor development, motor stage, physical education infant

COMPORTAMENTO MOTOR EM QUESTÃO

O comportamento motor do ser humano é permeado por inúmeras mudanças, e estas por sua vez têm sido o ponto central para muitas definições dos conceitos de aprendizagem motora e desenvolvimento motor. OLIVEIRA (1997), quando cita Haywood (1986), descreve que o desenvolvimento motor é um processo de mudanças contínuas, onde há um progresso de movimentos simples e não organizados para realização de habilidades altamente complexas. Nesta definição, o desenvolvimento motor é visto como um processo que se baseia nas mudanças comportamentais observadas.

Este processo se inicia na concepção e se prolonga até a morte. Assim, no eixo temporal da vida de uma pessoa, há uma ordem e coerência no conjunto de mudanças, o que permite identificar uma seqüência. Esta tende a ser variável em sua progressão, mas invariável na sua ordem. Com a preocupação de entender o processo que leva a essas mudanças, podemos considerar que a seqüência resultaria de mudanças na capacidade

de controlar movimentos KEOGH (1977).

Desta forma, observamos que existem várias etapas de aquisição de habilidades motoras ao longo da vida e, conseqüentemente, a aquisição de padrões fundamentais de movimento torna-se de vital importância para o desenvolvimento da criança, como em particular às atividades motoras na educação física.

O desenvolvimento dos padrões fundamentais de movimento como andar, correr, saltar, arremessar, etc. segue uma seqüência de estágios, representando níveis graduais de proficiência, isto é, de controle motor. Esses padrões constituem a primeira forma de ação voluntária no controle de movimentos (PELLEGRINI, 1983), e podem ser definidos como o conjunto de características básicas na seqüência e organização de movimentos dentro de uma relação espaço-temporal (WICKSTROM, 1977).

A forma madura de um padrão fundamental corresponderia ao padrão de execução característico de um adulto habilidoso. O aspecto central desta progressão está na aquisição de

¹ Prof. do Curso Educação Física do Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS-MG/Laboratório de Pedagogia do Movimento Humano (Lapem).

componentes formando um programa de ação (CONNOLLY, 1977), além da melhoria de precisão e organização temporal/espacial de todo o conjunto. No estudo do desenvolvimento motor, a elaboração de modelos teóricos não tem sido a maior preocupação, levando a um conjunto de dados coletados sem base explanatória (CONNOLLY, 1970). Porém, encontramos em ROBERTON (1977) uma preocupação em fundamentar a descrição das mudanças com base na teoria de estágios originária na Psicologia do desenvolvimento. ROBERTON (1977) propõe uma teoria de estágio na qual ocorreriam mudanças independentes para cada componente de uma habilidade fundamental. Ela analisou o padrão fundamental de movimento arremessar e encontrou que certos componentes mudavam, enquanto outros não sofriam alterações ao longo do tempo. A identificação do estágio baseava-se na descrição verbal da configuração do padrão. Além disso, para ROBERTON (1982), o desenvolvimento é um processo probabilístico ao invés de determinístico. Por conseguinte, o estágio em que algum indivíduo se encontra num dado instante é função da interação entre o organismo e o meio ambiente.

A QUESTÃO DO COMPORTAMENTO MOTOR

Na luta pela sobrevivência, o homem primitivo superou vários obstáculos em seu processo evolutivo, e os movimentos foram primordiais, integrando-o paulatinamente com o meio ambiente.

Os movimentos podem ser observados logo após o nascimento e ao longo do ciclo vital do ser humano; esses são filogenéticos, que são naturais e comuns a todas as pessoas e ontogenéticos, que são decorrentes da maturação e experiência adquirida ao longo da vida.

Compreender o desenvolvimento de habilidades motoras é um conteúdo do comportamento motor, entender as primeiras tentativas de se locomover em várias formas e em variadas direções, de dar os primeiros passos e, posteriormente, a ação de saltar e correr no meio que o cerca, é, portanto, uma atividade motivante e desafiadora para pesquisadores do movimento humano.

O desenvolvimento motor, como uma área de estudo e uma sub-área do comportamento motor, teve sua origem no século XVIII, baseado em duas disciplinas, a biologia e a psicologia do desenvolvimento, mas é, a partir de 1928, que ela se desenvolveu mais rapidamente e se tornou independente devido ao interesse de vários pesquisadores em explorar esta área.

É necessário saber e entender esse enfoque do desenvolvimento dos padrões motores fundamentais para se fazer esta análise.

A faixa etária escolhida foi de dois a dez anos de idade, por compreender períodos pré - escolar e escolar, respectivamente a fase de movimentos fundamentais e a fase de habilidades motoras relacionadas aos esportes (GALLAHUE & OZMUN, 2001; GALLAHUE, 1982). Estas duas fases são consideradas de rápidos progressos motores nas crianças, quando STEWART, citado por TANI et al (1988), descreve que, desde o estágio inicial (nível I) até o estágio maduro (nível III), para o correr, a criança passa de uma fase aérea muito curta e braços mantidos numa posição de guarda, até uma corrida mais rápida de fase aérea máxima, onde os braços oscilam em oposição às pernas, o

que caracteriza uma melhor qualidade de performance do movimento e também pelo fato de as crianças dos sete aos dez anos de idade estarem num estágio geral, sendo um período transitório, onde os movimentos são relacionados aos esportes (GALLAHUE & OZMUN, 2001).

Contudo, o conceito de estágio é usado para estabelecer as fases de desenvolvimento motor das crianças. Desta forma, ROBERTON (1982) descreveu que o desenvolvimento acontece por estágios e estabeleceu uma estrutura, partindo de estudos descritivos da seqüência de desenvolvimento do movimento dentro da perspectiva dos princípios que regem a seqüência de estágios, que são: a intransitividade e a universalidade, na qual todas as crianças passam por todos os estágios. Conseqüentemente, o estágio pode ser representado de duas formas:

1) um estudo inter tarefa, sendo a investigação de vários comportamentos motores apresentados pelas crianças até atingir uma determinada performance de um movimento; e

2) um estudo intra tarefa, onde a investigação é em torno do desenvolvimento de um único comportamento motor, por exemplo: o arremessar (ROBERTON, 1982).

Ainda ROBERTON, citada por TANI et al (1988), afirmou que as mudanças, nos estágios de desenvolvimento, ocorrem de forma segmentar e não em mudanças no corpo todo. Por exemplo, num mesmo instante de tempo uma criança pode estar no estágio intermediário (elementar) e estágio rudimentar (inicial), respectivamente na ação de braço e tronco para o padrão arremessar. Isto significa que estágios e idades não têm regras fixas e que a partir daí os princípios de desenvolvimento têm grande importância; assim, devemos considerar alguns como o da individualidade, que diz que o ser humano apresenta capacidades e limitações que não são comuns a todas as pessoas, o da progressividade, que diz que as mudanças ocorridas no desenvolvimento permitem identificar a seqüência de fases do processo de desenvolvimento motor e princípio da continuidade, que diz que o ser humano passa por uma série de mudanças contínuas ao longo de sua vida (CORBIN, 1980).

AS IDADES PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR

Ao descrever a fase denominada pré - escolar, de dois a sete anos de idade, GALLAHUE & OZMUN (2001) a denomina e a divide em três estágios, como sendo a fase dos movimentos fundamentais:

- a) estágio inicial, de dois a três anos: o movimento da criança é caracterizado por uma seqüência imprópria, uso marcado ou restrito do corpo, com coordenação rítmica pobre;
- b) estágio elementar, de quatro a cinco anos: já envolve maior controle, melhor coordenação rítmica dos movimentos fundamentais;
- c) estágio maduro, de seis a sete anos: caracterizado pela eficiência mecânica, coordenação e performance controlada.

SEAMAN & DePAUW (1982) descreveram este período como sendo a fase dos padrões motores, que envolvem formas mais seguras de respostas sensorio-motoras. Enquanto HARROW (1983), em sua taxinomia do domínio psicomotor, descreve que esta fase corresponde ao segundo nível de sua

classificação, ou seja, os movimentos fundamentais básicos, MEINEL & SCHANABEL (1984) afirmaram ainda que esta fase do desenvolvimento é caracterizada especialmente pela aquisição de múltiplas formas de movimento, onde as principais tendências de desenvolvimento motor ocorrem entre o terceiro e o sétimo ano de vida e consistem num considerável aperfeiçoamento das formas de movimentos adquiridos, bem como nas primeiras combinações de movimentos.

No nível escolar, deve-se dar oportunidades para as crianças se movimentarem nas aulas de Educação Física, devendo ser preferencialmente dirigidas por profissionais especializados em percepção e movimento humano, que poderão dar maior contribuição ao desenvolvimento da criança do que outros profissionais (FLINCHUM, 1981).

MEINEL & SCHANABEL (1984) citam o exemplo do desenvolvimento de diferentes formas de movimentos esportivos para esta fase escolar, como as combinações do saltar e correr, lançar e pegar, etc., por entender que na multiplicidade dos movimentos ainda falta nas crianças constância espacial, temporal, dinâmica e no rendimento dos movimentos para uma performance melhorada. No entanto, após a aquisição dos inúmeros padrões motores fundamentais, é necessário que se dê um polimento para realizar combinações entre esses e outros padrões de movimento como equilíbrio sobre o pé, movimentos em torno do eixo, sustentação invertida, etc.

Neste estudo, serão analisados apenas os padrões motores, correr, saltar, arremessar, agarrar, quicar e chutar. Por serem considerados padrões que normalmente têm apresentado pouca eficiência mecânica nas crianças ao ingressarem nas escolas, pois, aos sete anos de idade, os padrões motores fundamentais já deveriam estar no estágio maduro.

Correr

O correr é uma extensão natural do andar e se caracteriza por uma fase com apoio e uma fase aérea, ou sem apoio (TANI et al. 1988).

STEWART (1980) descreve a seqüência de desenvolvimento do padrão motor correr assim:

Nível I – A criança apresenta, na corrida, uma fase aérea (sem apoio) muito curta. O pé é apoiado no solo num ponto bem além do centro de gravidade. O apoio é feito com toda a planta do pé no chão. Os braços são mantidos numa posição de guarda e a criança demonstra uma corrida saltada quando o corpo é propulsado para frente.

Nível II – A fase aérea é maior e o pé de apoio é colocado quase sobre o centro de gravidade. Os braços são usados como de costume, cruzam a linha média do corpo. Uma pequena flexão do cotovelo é demonstrada. A corrida é menos saltada e há um aumento na elevação do joelho da frente, enquanto há uma maior extensão do quadril, joelho e tornozelo da perna de propulsão.

Nível III – Para uma corrida mais rápida, o apoio é feito pela ponta do pé e diretamente sob o centro de gravidade. A fase aérea é máxima, a extensão do quadril, joelho e tornozelo da perna de propulsão é aumentada, os braços oscilam em oposição às pernas em uma posição antero - posterior e os

cotovelos estão na posição flexionada.

Saltar

O objetivo do saltar é impulsionar o corpo à frente e/ou acima, através da ação de uma perna ou ambas em conjunto com ação afetiva dos braços para a impulsão, fase de vôo e aterrissagem (TANI et al, 1988).

A seqüência de desenvolvimento apresentada por STEWART (1980) foi para saltar em distância, descrita em três níveis.

Nível I – A criança salta mais no plano vertical do que no plano horizontal. Há pouco uso dos braços, seja na oscilação para trás ou para cima. Os pés normalmente não deixam a superfície simultaneamente. Há uma pequena flexão preparatória nos tornozelos, joelhos e quadril, e pouca flexão destas partes na aterrissagem.

Nível II – A distância horizontal do salto aumenta, enquanto a vertical diminui. Os braços são usados em alguma extensão, mas não se estendem para trás do corpo durante a fase preparatória. Há um aumento na flexão dos tornozelos, joelhos e quadril durante as fases preparatória e de aterrissagem.

Nível III – A flexão dos tornozelos, joelhos e quadril aumentam durante a fase preparatória e a de aterrissagem. O ângulo de impulso é menor. Há uma complexa extensão dos tornozelos, joelhos, quadril e braços durante a fase de impulsão. Durante a fase preparatória, os braços são estendidos ao nível do ombro, para trás e para cima, bem atrás do corpo.

Arremessar

O propósito deste padrão motor é de impulsionar a um objetivo, o mais longe possível, ou em direção a algum alvo. O arremesso envolve principalmente o braço, mas também deve haver uma participação efetiva de todos os segmentos do corpo (TANI et al. 1988).

WILD (1938) descreveu esta seqüência em quatro estágios:

Estágio 1 – A bola é arremessada primeiramente por uma extensão de antebraço e os movimentos do corpo e braços são inteiramente no plano antero – posterior. Os pés permanecem fixos, o corpo para onde a bola é arremessada leva a uma inclinação do tronco para frente, quando o braço finaliza o arremesso.

Estágio 2 – Os movimentos do braço e do tronco são introduzidos também na horizontal. Na preparação, todo o corpo gira para a direita (criança destra), mas os pés permanecem fixos no lugar. O braço move-se num plano superior oblíquo, acima ou na linha do ombro. O cotovelo fica bastante flexionado, o corpo gira em direção ao arremesso, cabendo ao braço a ação iniciadora do arremesso.

Estágio 3 – O arremesso propriamente dito consiste num passo à frente, unilateral em direção ao braço de arremesso, com o corpo girando para a esquerda e depois flexionando-se à frente. O braço oscila para frente, num plano oblíquo

acima ou ao lado do ombro, finalizando com a extensão do cotovelo.

Estágio 4 – Há oposição entre o braço e a perna de arremesso com rotação de tronco e adução horizontal de braço na oscilação para frente. O início do arremesso propriamente dito é com o giro do tronco em direção ao local para onde a bola será arremessada.

Agarrar

O agarrar, com o uso de ambas as mãos e outras partes do corpo, visa interromper e controlar uma bola ou outro objeto em sua trajetória (TANI et al). Este padrão fundamental requer uma habilidade com ênfase no aspecto temporal (KAY, 1969).

GALLAHUE & OZMUN (2001) apresenta três estágios neste padrão fundamental:

- **Estágio inicial** – No começo há uma fase de relação girando o rosto para trás, protegendo-o com as mãos e os braços são estendidos e levados à frente do corpo (este movimento limita-se ao contato). O agarrar assemelha-se a uma ação de alcançar com o uso de todo o corpo. As palmas das mãos são colocadas para cima e os dedos são estendidos e tensos. As mãos não são utilizadas na ação de receber.
- **Estágio elementar** – A ação de evitar é limitada ao fechamento dos olhos ao contato com a bola. Os cotovelos são elevados para os lados com uma abertura aproximada de 90 graus. As tentativas iniciais para o contato com as mãos são frequentes e a bola é recebida com os braços. As mãos são colocadas em oposição uma a outra e os polegares são levados para fora. Ao contrário, a ação das mãos de apertar a bola é um movimento tímido e desigual.
- **Estágio maduro** – Não se apresenta reação de evitar a bola. Os olhos a seguem até que ela seja recebida pelas mãos. Os braços são colocados relaxados para os lados e os antebraços são colocados na frente do corpo. Esta ação tem como finalidade absorver a ação da bola, ajustando-se o braço ao voo da bola. Os polegares são colocados em oposição e as mãos agarram a bola no seu devido tempo, simultaneamente com a pressão mais efetiva dos dedos.

Chutar

Pode-se dizer que é uma forma de rebatida, na qual o pé é usado para propulsionar a bola. (TANI et al, 1988). HALVERSON e ROBERTON, citados por GALLAHUE y McCLENAGAHAN (1985), afirmam que à medida que aumenta a força do chute, os braços são utilizados de forma crescente para manter o equilíbrio.

Um estudo de DEACH, publicado por WICKSTROM (1977), apresenta quatro estágios de desenvolvimento deste padrão motor:

Estágio 1 – A criança mantém sua perna de chute próxima à bola e realiza o chute sem participação efetiva de outros segmentos do corpo.

Estágio 2 – Maior potência no chute obtém-se pela oscilação da perna de chute para trás e para cima, com uma leve oposição dos braços e colocação do tronco para trás.

Estágio 3 – Há uma extensão do quadril, na fase preliminar, e maior arco na oscilação da perna de chute, com ajustamento adicionais do corpo.

Estágio 4 – Há uma efetiva flexão do quadril e joelho com colocação do tronco mais atrasado e amplo ajustamento dos braços durante a reversão.

Quicar

Esta é uma habilidade na qual, para ter sucesso, a criança deve tocar a bola em seu centro de massa com as mãos indo ao encontro dela, após a mesma voltar de seu contato com o solo.

A seqüência de desenvolvimento proposta por GALLAHUE & OZMUN (2001) divide-se em três estágios:

- **Estágio inicial** – A bola é controlada com ambas as mãos, que se mantêm ao lado dela, com as palmas voltadas de frente uma para outra. Há uma ação de bater na descendente com os braços. A bola toca o solo bem próximo do corpo, podendo tocar os pés.
- **Estágio elementar** – A bola é controlada com ambas as mãos, uma em cima e a outra embaixo para iniciar a ação. Há uma leve inclinação à frente, com a bola elevada ao nível do peito. A criança mantém os olhos na bola com muitas limitações no controle.
- **Estágio maduro** – Os pés são posicionados numa passada estreita, com o pé da frente opondo-se à mão que toca a bola, e com leve inclinação do tronco à frente. A bola eleva-se à altura da cintura e é empurrada ao solo com extensão do braço, pulso e dedos.

Rebater

Este padrão fundamental caracteriza-se pela propulsão de um objeto com uma parte do corpo ou com um implemento. A progressão no desenvolvimento desse padrão partirá de uma ação no plano vertical, passando progressivamente para planos oblíquos até chegar a um plano predominantemente horizontal (WICKSTROM, 1983). As três tarefas de rebater, ou seja, padrão de rebatida por cima, pela lateral (plano horizontal), e oblíquo demonstram similaridade de desenvolvimento intertarefas (WICKSTROM, 1975).

A seqüência de desenvolvimento do padrão fundamental de rebater lateralmente foi dividida em três estágios, por Gallahue, em 1982:

- **Estágio inicial** - Os movimentos dos braços são de trás para frente e os pés estão estacionários. O tronco não vira e fica de frente para a bola arremessada. Os cotovelos ficam bem flexionados. A força para a rebatida é aplicada pela extensão das articulações no plano descendente.
- **Estágio elementar** - O tronco gira para o lado em antecipação à bola arremessada. O peso é transferido para o pé da frente antes do contato com a bola. Há uma rotação combinada do tronco e quadril e os cotovelos estão menos flexionados. A força para a rebatida é aplicada pela extensão das articulações flexionadas, rotação do tronco e movimento para frente num plano oblíquo.

Estágio maduro - O tronco gira para o lado em antecipação à bola arremessada e o peso é transferido para o pé de trás: o quadril gira e a transferência do peso é feita num padrão contralateral. A mudança do peso para frente ocorre com um amplo e completo arco num padrão horizontal. No contato com a bola, tem-se a transferência do peso para o pé da frente.

ATIVIDADES MOTORAS PROPOSTAS

De acordo com os PCN's (1997), uma das propostas de educação é trabalhar para que o ser humano possa viver em grupo de forma produtiva e para isso é abordada a importância do meio sócio-cultural em que vive. Assim a educação procura criar situações em que conhecer, apreciar, valorizar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações da cultura corporal são necessárias para a troca de idéias e experiências, com o objetivo de desenvolver as potencialidades num processo democrático e não seletivo. Também é abordada a complexidade das relações entre o corpo e a mente de cada aprendiz, e assim a educação visa à igualdade de oportunidades, possibilitando a aprendizagem e o desenvolvimento para todos.

Os PCN's colocam também que se deve desenvolver o conhecimento ajustado do aprendiz e o sentimento de confiança em suas capacidades físicas, afetivas, cognitivas e éticas, em sua inter-relação pessoal e de inserção social, assumindo seus valores e seus limites e agindo sempre com responsabilidade. Desta forma, pode-se compreender e auxiliar o processo de desenvolvimento ao longo da vida de cada ser humano, não deixando de respeitar uma seqüência no processo de desenvolvimento do aprendiz, procurando assimilar e transmitir os frutos de seu patrimônio cultural de forma clara e prazerosa, o que se torna uma necessidade, visto que o ser humano é um ser cultural por excelência (BRONOWSKI, 1983).

Neste aspecto, para desenvolver um programa de atividades motoras, não se pode lançar mão de vários métodos pedagógicos. Com isso, o professor de educação física detém um papel importantíssimo no âmbito escolar, podendo estruturar um ambiente adequado às crianças, para que adquiram o maior número de experiências motoras, tornando, então, a educação física uma grande auxiliadora e promotora do desenvolvimento integral da criança.

Ao tratar de métodos a serem utilizados na educação física, McCLENAGHAN Y GALLAHUE (1985) e FLINCHUM (1981) entendem que tanto o método direto, quanto o indireto, desenvolvem as habilidades motoras das crianças. Mas enfatizam a resolução de problemas como o melhor meio de exploração motriz das crianças. Como exemplo descrevem inúmeras atividades motoras, para que elas adquiram experiências e desenvolvam suas habilidades locomotoras e manipulativas fundamentais, como segue abaixo:

a) Atividades Locomotoras:

- atividades de estímulo que não requerem material: correr em diversas formas, para frente, para trás, com os pés juntos e separados, com o corpo alto e baixo, com os companheiros entre os obstáculos, etc.;
- resolução de problemas com o companheiro, pode correr

junto ou atrás dele sem tocá-lo, etc.;

- saltar o mais longe possível, com suavidade, em ¼ de giro, com as pernas cruzadas, etc.;
- saltar com os companheiros, sobre o pé direito, esquerdo ou os dois, etc.;
- atividades com materiais: saltar sobre uma corda no chão, saltar de forma alternada, de um lado para outro, etc.;
- atividades de resolução de problemas com aros: com o aro em diversos modos e com o aro colocado no chão, etc.;

b) Atividades Manipulativas:

- utilizando uma bola grande, atirar com os pés separados e depois juntos, contra a parede, utilizando a mão direita ou esquerda para atirar, etc.;
- utilizando uma bola pequena, ou um saco de areia, jogar para o outro companheiro, com diferentes posições corporais, etc.;
- desenvolver o atirar com o braço levantado (a mão acima dos ombros), com força, suave, rápido, no alvo, etc.;
- agarrar, chutar e quicar bolas pequenas e grandes, em diversas posições, com o lado direito e esquerdo do corpo, etc.;

Para o desenvolvimento dessas e outras atividades motoras, existem inúmeros ambientes que oferecem oportunidades às crianças de participarem de experiências motoras como em: play grounds, aparelhos de ginástica artística (olímpica), pista de atletismo, área livre, etc.

No entanto, TANI et al (1988) relatam que é importante as crianças combinarem seus movimentos básicos das formas mais variadas possíveis, e com combinações seqüenciais cada vez mais complexas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É extremamente importante que o professor de educação física entenda bem o que é a criança, como ela se move, como aprende e como manifesta suas emoções e sentimentos. É em função dessas características que o professor vai estabelecer os objetivos do conteúdo e o método de ensino a ser colocado para as crianças. O professor sempre deverá trabalhar de acordo com o estágio de desenvolvimento motor, procurando sempre a melhor qualidade de controle do movimento da criança.

O conhecimento dos conceitos apresentados formará a base sobre a qual o professor deverá estruturar as habilidades motoras das crianças. Finalmente, GALLAHUE & OZMUN (2001) descrevem que as crianças necessitam com abundância de oportunidades, de movimentação e instrução, numa variedade de atividades motoras, vigorosas e diárias, com o objetivo de desenvolverem suas capacidades de movimento em nível ótimo.

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental, *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física* (vol. 7). Brasília, Imprensa Oficial, 1997.
- FLINCHUM, B. M. *Desenvolvimento Motor da Criança*. Rio de Janeiro, Interamericana, 1981.
- GALLAHUE D. & OSMUN, J. *Compreendendo o desenvolvimento motor*. São Paulo, Ed. Phorte, 2001.

- GALLAHUE, D. L. *Understanding Motor Development in Children*. New York, John Wiley & Sons, 1982.
- HARROW, A. J. *Taxinomia do Domínio Psicomotor*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1983.
- MANOEL, E. J. *Desenvolvimento Motor: Orientação do processo ao produto*. Escola Superior de Educação Física de Muzambinho, (Trabalho não publicado).
- MANOEL, E. J. et all. Abordagem Desenvolvimentista e o movimento humano Implicações para a educação física. *Anais 40ª Reunião SBPC*, S.P, 1978.
- McCLENAGHAN, B. A. y GALLAHUE, D. L. *Movimientos Fundamentales: su desarrollo y rehabilitación*. Buenos Aires, Interamericana, 1985.
- MEINEL, K. E SCHANABEL, G. *Motricidade II: o desenvolvimento motor do ser humano*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1984.
- MUÑOZ, L. A. *Desenvolvimento Motor e suas Implicações na Educação na educação física infantil*. Dissertação apresentada no curso de mestrado Escola de Educação Física/USP, São Paulo, 1985.
- ROBERTON, M. A. Describing "stage" within and across motor tasks. In J.A.S. Kelso & J. E. Clark (ed). *The development of movement control and coordination*. Chichester, John Wiley & Sons, 1982.

RETRATOS DE UM BRASIL

Eronдина Leal Barbosa ¹, Elisangela Souza Pinto ², Karina Nishiyama ³,

*^{1, 2, 3} Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS-MG
Instituto Superior de Educação - ISEd*

*Av. Cel. José Alves, 256, Vila Pinto. CEP: 3710-540, Varginha-MG/Brasil
e-mail: extensao@unis.edu.br*

RESUMO

O presente trabalho mostra ações desenvolvidas pela Fundação de Ensino e Pesquisa do Sul de Minas, mantenedora do Centro Universitário do Sul de Minas Unis-MG, no módulo Nacional da Universidade Solidária-UniSol, no município de Palmácia-CE. As ações foram implantadas a pedido do representante Municipal e adaptadas de acordo com a realidade e necessidade do público atendido em cada ação. Vão de orientações básicas de higiene e saúde, cultura, lazer e esporte para melhoria da qualidade de vida a projetos de docentes e geração de renda.

Palavras-chave: ação, solidariedade, mudança

ABSTRACT

The Present works actions developed by "Fundação de Ensino e Pesquisa do Sul de Minas support of Centro Universitário do Sul de Minas Unis-MG, is national module of Universidade Solidária- UniSol, in the district of Palmácia – CE. The actions were implanted at the request of the Municipal representative end adapted in agreement with the reality and the public's necessity assisted in each action. Actions that go from basic orientations of hygiene and health, culture, leisure, and sports for improvement of life's quality to teacher's projects and income's output

Key words: action, solidarity, change

INTRODUÇÃO

A experiência de fazer parte da história de vida das pessoas de um Brasil que parece distante, com a participação no projeto de ação comunitária do Unisol, propicia um novo olhar sobre essa realidade e conduz a uma nova reflexão sobre as diferenças que nos cercam. Esse olhar nos permite acreditar em mudanças decorrentes de ações que possam minimizar as diferenças.

A maioria da população vivencia a realidade social brasileira à distância e desta forma não desperta sensibilidade para buscar soluções e sim assistencialismo, imediatismo. O UniSol nos permite criar multiplicadores para a busca de soluções, em um trabalho participativo, sustentado pela cooperação, responsabilidade e muita vontade de mudança. As ações criadas permitem associar o saber científico ao saber popular.

No presente artigo, encontram-se relatos da experiência vivenciada pela equipe que atuou no período de 08 a 30 de janeiro de 2002, no município de Palmácia-CE. Participaram da equipe a Prof^a. Eronдина Leal Barbosa, coordenadora de Extensão do UNIS-MG e coordenadora do Projeto, e dez alunos de graduação dos seguintes cursos: Matemática (Diogo Alves Faria), Ed. Física (Elisangela Souza Pinto e Viviane Dias Vilela), Fisioterapia (Mirian Márcia Inácio, Gabriel Ribeiro Júnior, Ciforney Henrique Gonzaga e Dayanhe Nayara de Oliveira Siqueira, Letras (Karina Lúcia Nishiyama, Pedagogia (Flávia de

Jesus Carvalho e Camila Benatti Cordeiro).

O MUNICÍPIO

Palmácia localiza-se na região do Maciço do Baturité. É cortada pela Rodovia CE-65, distante sessenta e seis quilômetros de Fortaleza, fazendo fronteiras com os Municípios de Maranguape, Pacoti e Redenção, Guaiúba e Caridade. O município foi emancipado em 28 de agosto de 1957.

De acordo com dados do IBGE (2001), Palmácia tem uma área territorial de 145 Km², uma altitude média de 200 a 700m. A temperatura média anual mínima é de 16°C e a máxima de 30°C. Sua população é de aproximadamente 10.008 habitantes, sendo na zona urbana 4.421 e na rural 5.587. Observou-se que 51,44% da população é formada por homens e 48,56% por mulheres.

As serras úmidas são conhecidas por apresentarem verdadeiros "oásis" na região, pois há um confronto do perfil natural (clima, vegetação etc.). As formações florestais encontradas em Palmácia facilitam o contato direto e gostoso com a natureza, pois a área é propícia à prática do ecoturismo.

ELABORAÇÃO DO PROJETO

Os primeiros dados coletados para o anteprojeto foram obtidos na página do IBGE (2001). Mas, sem dúvida nenhuma, um importante elemento para subsidiar a elaboração do projeto

¹ Professora e Coordenadora de Extensão do Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS-MG

² Aluna de Graduação do Curso de Educação Física

³ Aluna de Graduação do Curso de Letras

foi a visita precursora, realizada em dezembro de dois mil e um. Retornando dessa viagem, foram traçadas várias ações: levantar as demandas da administração municipal e dos grupos locais; agilizar e divulgar o programa para a população; verificar recursos disponíveis no município; fazer adequação de cada projeto ao horário disponível pelo público; relacionar espaço físico e materiais, bem como planejar campanhas no município de Varginha com a finalidade de recolher donativos para o trabalho de campo.

Após o relatório da viagem precursora, a proposta de trabalho foi reformulada e enviada para a Prefeitura Municipal de Palmácia-CE., para que as lideranças conhecessem as ações e dessem opiniões, sugestões e fizessem alterações, se necessário.

A proposta do trabalho foi executada de acordo com a realidade e necessidade de cada público, em cada projeto proposto. A programação foi provisória e, a cada dia, adaptavam-se os horários dos grupos às novas demandas que surgiam no dia-a-dia do trabalho de campo.

FORMAÇÃO DA EQUIPE

Dificuldades tiveram de ser superadas na formação da equipe devido ao curto espaço de tempo entre o resultado das IES selecionadas e o início do trabalho de campo. O resultado saiu dia vinte e oito de novembro de dois mil e um e o trabalho de campo iniciou-se no dia oito de janeiro de dois mil e dois. Apesar do curto prazo, quarenta estudantes de graduação do Centro Universitário do Sul de Minas UNIS-MG se candidataram às dez vagas destinadas a compor a equipe que o UNIS-MG enviaria a Palmácia. Estes alunos eram provenientes de doze cursos. A seleção foi realizada pela professora coordenadora da equipe, de acordo com os critérios abaixo.

No primeiro momento, avaliação dos currículos, dando ênfase aos alunos que tinham experiência anterior em projetos de extensão comunitária, chegando a uma pré-seleção. No segundo momento, avaliação de desempenho no período de capacitação. Nessa fase, foi possível verificar se o perfil de cada estudante atendia às demandas do Município de Palmácia, identificadas na viagem precursora e se os mesmos tinham disponibilidade para participarem do programa. No terceiro momento, entrevista realizada pela psicóloga da Prefeitura Municipal de Varginha-MG, com cada aluno pré-selecionado. A avaliação de desempenho no período de capacitação e o resultado da entrevista permitiram chegar à seleção definitiva da equipe que executaria o trabalho de campo.

Em seguida, deu-se continuidade ao processo de capacitação da equipe, respeitando a disponibilidade de horário de cada integrante. Todo o processo de capacitação foi coordenado pela professora Erondina Leal Barbosa ao longo de dez encontros que totalizaram sessenta e quatro horas de trabalho.

O período de capacitação foi fundamental para o sucesso do trabalho de campo, pois propiciou a integração da equipe, a produção do material didático e um conhecimento prévio da cidade de Palmácia, através de dados fornecidos pela Prefeitura Municipal durante a viagem precursora e também por folhetos e informações obtidos junto a algumas pessoas da comunidade. Nesse período de capacitação, os estudantes receberam treinamento com os seguintes especialistas: Valéria Furtado (Psicopedagoga), José de Alencar S. Faleiros (Médico pediatra),

Aleitamento Materno e Desnutrição, Paulo Sene (Médico Ginecologista), Sexualidade e DST, Sr. Tochimassa (Secretaria Municipal de Saúde). Foi realizada apresentação e discussão do Kit UniSol em seguida ao treinamento, para dar início ao planejamento das atividades a serem desenvolvidas na cidade de Palmácia, a partir das demandas identificadas na viagem precursora. O planejamento não foi executado somente nos encontros. Depois de cada encontro, os estudantes recebiam tarefas para desenvolverem individualmente, ou em grupo, dentro da proposta para sua área específica de atuação. As propostas eram apresentadas e discutidas no encontro seguinte com a equipe, a fim de que todos pudessem emitir suas opiniões. Por fim, foram feitas apostilas e lâminas que seriam utilizadas nas oficinas e nos cursos de capacitação. As apostilas foram reproduzidas em Palmácia, pela Secretaria de Educação.

Além do treinamento e do planejamento, os estudantes realizaram uma campanha no Município de Varginha-MG, objetivando conseguir doações para o trabalho de campo. A equipe conseguiu doações que foram utilizadas no trabalho de campo e também doados à Prefeitura Municipal de Palmácia-CE.

A divulgação do projeto UniSol em Varginha e região foi excelente durante todo o período de capacitação; a equipe foi matéria de todos os jornais impressos do Sul de Minas Gerais. Entrevistas sobre o Projeto feitas com membros da equipe, foram ao ar na rádio FM CIA do SOM, na TV Alterosa afiliada do SBT, EPTV afiliada da rede Globo. Foi também realizada uma entrevista ao vivo, por telefone, direto de Palmácia-CE., pela rádio Melodia FM de Varginha, no dia vinte e cinco de janeiro às 13:00 horas. Já de volta, a equipe foi matéria de todos os jornais impressos do Sul do Estado de Minas Gerais e destaque no jornal do Estudante, da IES e da TV Alterosa.

OBJETIVOS E METAS

Os objetivos do programa UniSol e do UNIS-MG permitiram que a equipe de universitários conhecesse a realidade de um município do interior nordestino, de modo a fortalecer e ampliar seu compromisso com os problemas sociais do país; desenvolveram-se as seguintes oficinas e cursos de capacitação:

- Fortalecimento da gestão escolar;
- Capacitação para os profissionais em ciclo;
- Iniciação e Atualização Esportiva;
- Cooperativismo e associativismo;
- Informática Básica para os servidores públicos municipais;
- Visita aos distritos;
- Visitas domiciliares;
- Capacitação para os agentes de saúde;
- Palestras – “Saúde e Qualidade de Vida”;
- Dia temático “Comunidade unida contra o lixo e a favor da saúde”;
- Caminhada ecológica;
- Programa “Horta na Escola”;
- Baile de integração “UniSol – 2002”
- Capacitação dos profissionais da Educação Infantil;
- Oficinas de Pintura;
- Oficinas de Teatro;
- Oficinas de Dança;
- Oficina de Cerâmica;

- Rua de Lazer;
- Atividade para 3ª Idade;
- Torneio Esportivo.

EXPERIÊNCIAS

Um trabalho em equipe é muito mais que a soma das partes, “um mais um é sempre mais que dois”, diz a sabedoria popular. Conscientes da força que tem um trabalho em equipe e das limitações de cada um, iniciamos nossa viagem da cidade de Varginha-MG, às 00:00 horas do dia oito de janeiro de dois mil e dois. Na bagagem da equipe sonhos, esperanças, expectativas, sensibilidade, cooperação, responsabilidade e o coração aberto para uma comunidade que não conhecíamos. Chegamos a Palmácia-CE às 19:00 horas, do dia oito de janeiro de dois mil e dois, (dezenove horas de viagem). A cidade estava calma. Nos acomodamos e, ansiosamente, a equipe aguardou o dia amanhecer para iniciar os primeiros contatos com a comunidade. Às 09:00 horas do dia seguinte, reunião com os representantes municipais e lideranças comunitárias para apresentação e discussão das ações. Em seguida, saímos para conhecer alguns locais onde o trabalho seria realizado. Todos da equipe observavam cada detalhe e, de vez em quando, um perguntava: “Será que realmente estamos no Nordeste?” A pergunta vinha porque no Sudeste a imagem que se tem daquela região é de muita seca e miséria, mas Palmácia, situada na serra do Baturité, cercada de montanhas e muito verde, estava no período chuvoso, que eles denominam inverno. A primeira impressão contradizia tudo aquilo que eles tinham aprendido sobre o Nordeste. A coordenadora pediu para que não precipitassem e aguardassem uma visão maior da cidade. Não andamos muito e encontramos a “Rua da Paz” e a “Rua 28 de Agosto”, com famílias vivendo em condições subumanas. Aos poucos, a equipe foi vendo nos palmacianos o povo nordestino. Esses sim, são brava gente. Porque apesar de toda miséria, de todo sofrimento, nos recebiam com alegria. Podíamos observar naquelas pessoas a força, a coragem, a fé e a esperança de um amanhã melhor.

Neste primeiro contato, começamos a convidar a comunidade para a “Rua de Lazer” que estava planejada para as 19:00 horas. Mas estávamos preocupados porque todo o material para a rua de lazer tinha sido enviado para Palmácia no dia três de janeiro de dois mil e dois, por uma transportadora, e não chegaria a tempo para as primeiras atividades. O grupo se reuniu e a “Rua de Lazer” foi planejada novamente, agora, sem o material. Improvisamos dois palhaços, um chamado Tico, e o outro Teco, uma palhaça chamada Fumaça e a boneca Emília. Saímos pela praça central e não demorou muito uma multidão de crianças rodeava a equipe. Fomos para o CSU (Centro Social Urbano) e iniciamos as atividades: brincadeiras, dança, oficina de artes, pintura em rosto etc. Foi muito bom. Melhor ainda por percebermos que as pessoas da Rua 28 de Agosto e da Rua da Paz acreditaram em nós e lá estavam. Falamos de nosso objetivo em Palmácia e percebemos que muitos entenderam, mas outros não. Mas tivemos a certeza que Tico, Teco, Fumaça e Emília encantaram a garotada. Estava marcado aí o início de nossos trabalhos na cidade.

No dia seguinte, começaram as atividades. Cada membro da equipe partiu para a sua ação. A coordenadora estava ansiosa pelo sucesso de cada aluno, mas, em momento algum, deixou

transparecer isso para a comunidade. Em uma de suas falas, declarou: “Tenho consciência da dedicação de toda a equipe demonstrada no período de capacitação e que o sucesso do trabalho de campo será resultado do empenho despendido naquele momento”. Os dias foram passando, a equipe se esforçando. Observava-se que realmente todos que a compunham tinham absorvido muito bem os objetivos do UniSol. E, por várias vezes, em ação, o Secretário de Educação dizia para a coordenadora: “Professora, a senhora acertou em cheio na seleção da equipe, éta minerada boa de serviço!”

A jornada de trabalho iniciava-se às sete horas da manhã e terminava às dez horas da noite. Quando chegávamos em casa, iniciávamos os relatórios diários e muitas vezes a reunião com o grupo para observações e mudanças. O cansaço foi tomando conta da equipe, mas em momento algum deixou-se vencer.

As visitas domiciliares, realizadas na periferia de Palmácia, constituíram a parte mais difícil do trabalho de campo. Logo na chegada, identificamos uma comunidade em condições subumanas de sobrevivência. Casas sem janelas, paredes de barro, chão batido, teto de sapé e, em algumas situações, sem alimentos. Como falar de higiene, de perspectiva de futuro numa realidade dessa? Como culpar uma mãe que, no período de cadastro da bolsa alimentação, deixa seu filho passar fome, para perder peso e assim a família entrar no programa?

Retratos de um Brasil bem brasileiro; pessoas que, apesar de toda miséria, trazem no rosto o sorriso, o calor humano e a fé de que o “amanhã será melhor, se Deus quiser.” Diante dessa realidade nua e crua, não se pode fazer muito de imediato, mas o diálogo, a orientação para essas famílias foram valiosos, e, quando uma mãe dizia “meus filhos, foi Deus que mandou vocês aqui”, respondíamos “sim, minha senhora, e nos mandou através do UniSol”. A cada visita, a equipe conscientizava-se da sua responsabilidade social, porque falar é uma coisa, ver e sentir é que provocam mudanças de paradigmas.

Os cursos de capacitação foram conduzidos conforme planejamento e muitas discussões enriqueciam cada vez mais o projeto. No trabalho com os professores, descobrimos que, apesar de a maioria não ter formação superior, os problemas por eles enfrentados não são diferentes dos problemas dos professores do Sul de Minas Gerais. E o que faltava era motivação para ampliarem seus conhecimentos, ou seja, incentivo à leitura. O hábito de ler foi estimulado, porque ser professor é ser um eterno estudante.

Na área do meio ambiente foi realizada uma caminhada ecológica, para incentivar a valorização das belezas naturais do município nos jovens e um bom trabalho de implantação da horta comunitária.

O trabalho de reestruturação da biblioteca não foi fácil; levamos um programa para informatização da biblioteca municipal, mas não foi possível instalar. Partimos para a catalogação manual do acervo de dois mil e quinhentos livros que lá estavam dispostos como se fosse em uma estante doméstica. Ficamos impressionados com a qualidade do acervo, cuja existência os professores desconheciam. Também até sapo encontramos na biblioteca! Foi a atividade mais longa, porque além do acervo de que a cidade dispunha, a equipe levou mais dois mil e quinhentos livros. O trabalho foi realizado todo o tempo sob a orientação da acadêmica Karina, com três funcionários da prefeitura que foram

orientados sobre a rotina e utilização da biblioteca. Foram dezoito dias de trabalho no setor, mas foi recompensado, porque agora pode ser chamado de Biblioteca Municipal.

Foi identificada na cidade a falta de orientação em relação ao armazenamento do lixo. Encontramos acúmulos de lixo em várias partes da cidade. O caso mais crítico estava localizado na Rua da Paz e na Rua 28 de Agosto. No dia dezoito de janeiro, realizamos a campanha "Comunidade unida contra o lixo e a favor da saúde", juntamente com os jovens que estavam participando das oficinas de artes plásticas, dança, teatro e iniciação esportiva. Fizemos faixas, divulgamos nos cursos, nas oficinas, na Rua de Lazer e na rádio FM Torre da Lua. A prefeitura foi nossa principal aliada, recolhendo o lixo que estava acumulado.

A equipe foi dividida em três grupos e, nesse mesmo dia, pela manhã, saímos de casa em casa falando sobre os benefícios de manter a casa, a rua e a cidade limpas. Lançamos a campanha nas casas visitadas, onde voltaríamos no final do dia para premiar a casa e o quintal mais limpos com uma cesta básica e roupas usadas. Foi uma mobilização só, placas de "proibido jogar lixo", foram colocadas no local onde havia acúmulo de lixo e orientação às famílias sobre o local exato onde o lixo deveria ser colocado, para ser coletado pelo caminhão. Ouvimos por parte de alguns moradores "foi preciso vocês virem lá do Sul para nos ensinar o que fazer com o lixo". Isso foi compensador. E, no final do dia, quando as famílias vencedoras aglomeraram na porta de nossa casa para buscar o prêmio, foi emocionante: missão e dever cumpridos. Para o representante municipal, Sr. Ramilson Holanda, Secretário Municipal de Educação, esse trabalho conseguiu mobilizar toda a comunidade palmaciana.

De todas as ações realizadas, a mais fácil foi o trabalho de artes plásticas, dança e teatro. Uma comunidade pequena, mas que traz na veia o dom para a arte. As técnicas eram assimiladas com muita facilidade. Os trabalhos foram realizados no C.A.S.U.L.O. (Crianças e adolescentes, sintonizadas no universo de liberdade ocupacional). É um local mantido pela prefeitura, onde se desenvolve todo tipo de arte e cultura com crianças e adolescentes. O nosso trabalho foi uma dose dupla de motivação para o projeto da cidade. Ficamos impressionados com o trabalho daqueles jovens e, em uma "Rua de Lazer", fizeram uma apresentação da cultura nordestina. Foi maravilhoso, a equipe se emocionou e não conteve as lágrimas.

O trabalho dos acadêmicos nas artes plásticas, dança e teatro foi encerrado no dia vinte e oito de janeiro de dois mil e dois, com exposições de peças em cerâmica, telas, danças e uma peça teatral da criação fictícia de Palmácia, para toda a comunidade. Foi muito bem aceita e a peça já foi encenada novamente depois de nossa saída da cidade.

Não é fácil tomar uma decisão de partir para um lugar tão distante e desconhecido para trabalhar. Mas, o mais difícil foi retornar. A integração da equipe com a comunidade foi muito grande, o pouco tempo que passávamos na casa em que eles chamavam de "Casa dos Artistas" era muito acolhedor, sempre com várias crianças, jovens e adultos a nos visitar e nos presentear com histórias, pratos típicos, frutas etc. Sentíamos o calor humano pulsar nos olhos daquelas pessoas que doavam o pouco que tinham para nos agradecer. Foram dois dias de despedidas. Momento emocionante, foi o de uma missa preparada especial-

mente para a equipe, no dia vinte e nove de janeiro. Na saída da igreja, a banda de música da cidade tocando e na chegada à casa, festa surpresa. E as serenatas? Emocionantes! Mal conseguimos dormir e acordamos com a banda novamente na porta de casa. Agüenta, coração! Jovens, crianças e adultos com faixas e cartazes demonstrando gratidão e saudade. Quando o carro do SESC chegou, foi um choro só; imagens que jamais sairão da mente dos membros da equipe UNIS-MG-UniSol 2002.

"Palmácia acolheu a equipe UniSol-UNIS-MG com o frescor das manhãs e o calor da hospitalidade."

CONCLUSÕES

Foi importantíssimo o trabalho realizado pela equipe na cidade de Palmácia, sem dúvida, muitas sementes foram plantadas com a certeza de que crescerão e darão bons frutos. Os ensinamentos foram recíprocos e para a equipe o melhor de tudo foi descobrir que o homem não precisa de muito para ser feliz e que os olhos não podem ver o essencial à sobrevivência do homem.

Todos entenderam que mais vale uma palavra dita com firmeza e aquecida com o calor humano, que mais vale um gesto com atitude, do que promessas e críticas feitas à distância. Este trabalho é uma experiência que todos os docentes e discentes deveriam ter, não somente para o enriquecimento profissional, mas, principalmente, para o enriquecimento espiritual.

Com tudo isso, a equipe tem uma coisa a dizer: "Parabéns, Palmácia, pela simplicidade, pelo calor humano, pela fé e esperança de que o amanhã será um lindo dia, se Deus quiser".

BIBLIOGRAFIA

ANOTAÇÕES DA EQUIPE DURANTE O TRABALHO DE CAMPO, sob orientação da Profa. Ms. Erondina Leal Barbosa. Palmácia-CE: Fepesmig-UniSol 2002.

www.ibge.org.br, 2001

A Extensão

do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG

“A Extensão no Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS-MG é considerada como processo educativo, cultural e científico que se destina a desenvolver as relações entre a comunidade acadêmica e a comunidade da Região do Sul do Estado de Minas Gerais. Neste sentido, a extensão universitária vivenciada no UNIS-MG trata:

- da responsabilidade social da ciência e da universidade;*
- da “re-ligação” dos saberes científicos e não científicos;*
- da aproximação da sociedade com os avanços científicos conquistados pela pesquisa;*
- da responsabilidade com a preservação dos valores culturais da comunidade.*

Sob esta ótica, a extensão no Centro Universitário do Sul de Minas é articuladora do ensino e da pesquisa com a sociedade, promovendo ações, atuando como “berçário” da reforma do pensamento e constituindo-se como o “ponto de encontro” do acadêmico com o cidadão comprometido com sua comunidade, com a sociedade e com o País.”

2. Normas Para Publicação



Interação

Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A Revista Interação é uma publicação do Centro Universitário do Sul de Minas e tem como objetivo publicar contribuições científicas e de extensão que contribuam para o avanço do conhecimento relacionado ao ensino, à pesquisa e extensão. Serão consideradas, para publicações, investigações de trabalhos originais, sob a condição de serem contribuições exclusivas desta revista, ou seja, todos os textos e ilustrações publicados são de propriedade da Revista Interação, sendo sua reprodução parcial ou total permitida, desde que seja feita referência à Revista.

Os trabalhos submetidos à apreciação para publicação e não aceitos ficarão à disposição do autor durante três meses. A responsabilidade pelas afirmações e opiniões contidas nos trabalhos caberá inteiramente ao(s) autor(es). Autores estrangeiros deverão enviar os textos em inglês ou espanhol.

Para publicar artigos científicos, relatos de pesquisas, revisão de literaturas, monografias, resenhas e poesias originais, sempre a critério do Conselho Editorial ou Assistencial, solicitam-se as instruções no formato a seguir. Um modelo (formato) geral para elaboração também pode ser encontrado no site <http://interacao.unis.edu.br>, facilitando a preparação do manuscrito.

Os originais a serem enviados devem conter no máximo 20 páginas (formato A4), apresentando: Resumo, Abstract, Introdução (onde estará inserida a revisão da literatura), Desenvolvimento Experimental (representando o Material e Métodos utilizados no desenvolvimento do estudo), Revisão e Discussão, Agradecimentos e por último, as Referências Bibliográficas. As ilustrações (gráficos, imagens, figuras, etc) devem ser inseridas ao longo do texto. O material deverá ser enviado via correio convencional ou eletrônico (e-mail). Caso seja usada a primeira opção, enviar duas cópias impressas em papel formato A4, contendo entrelinha 1,5 cm e margem de 2,5 cm. O texto deverá ser digitado em MS Word versão 97 ou 2000, utilizando fonte (letra) Times New Roman, tamanho 12 pontos. É necessário também o envio do trabalho em disquete 3,5" ou CD.

As ilustrações deverão ser enviadas em extensão TIF ou JPG com resolução mínima de 150dpi (pontos por polegada), tamanho mínimo de 10x7 cm e arquivadas separadamente, além de constarem no conjunto da obra. Esse procedimento também deverá ser observado para as tabelas. Ilustrações e tabelas deverão ser numeradas com algarismos arábicos e independentes. Exemplo: Figura 1, Tabela 1, Figura 2, Tabela 2, etc.

As Referências Bibliográficas serão mencionadas no trabalho segundo as orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

O Corpo Editorial se reserva o direito de propor alterações nos originais, com objetivo de manter a qualidade da publicação, respeitando a opinião dos autores.

A Revista Interação não devolverá os originais publicados e remeterá aos seus autores, gratuitamente, 2 (dois) exemplares do número da Revista contendo o trabalho.

A seguir, apresentaremos o modelo (formato) geral, que se encontra disponível para Download no site www.unis.edu.br/interacao, contendo detalhes de como fazer e submeter à apreciação o trabalho a ser publicado.

Os originais completos, contendo os endereços de seus respectivos autores, poderão ser enviados para o seguinte endereço ou e-mail: Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG - Av. Cel. José Alves, 256 - Vila Pinto - Varginha/MG - CEP: 37010-540 - e-mail: interacao@unis.edu.br

FAÇA PARTE DESTA INTERAÇÃO
(Título em Negrito, MAIÚSCULO, 13 pt. Centralizado)

Insira o(s) nome(s) do(s) autor(es). Escreva por extenso o nome inicial e o sobrenome final (ex.: Lucas R. S. Melo) ou nome por extenso (Ex: Lucas Raphael Santos de Melo). Não abrevie o primeiro nome. Após o nome, coloque o numeral em sobrescrito relacionando o endereço do(s) autor(es). Pelo menos um dos autores deve ser designado com sobrescrito¹, correspondendo ao autor que receberá as correspondências em caso de consulta. Informações adicionais sobre este autor devem constar em nota de rodapé como segue

Inserir o(s) endereço(s) da(s) instituição(ões) do(s) autor(es), indicar o e-mail do(s) autor(es) para quem as correspondências devem ser dirigidas em caso de consulta. Devem-se colocar, inicialmente, o(s) endereço(s) da(s) instituição(ões) do(s) autor(es) de referência (aquele para onde as correspondências devem ser dirigidas) e, na linha seguinte, os endereços dos outros autores, caso sejam de instituições diferentes.

RESUMO

Inserir o resumo, que não deve ultrapassar 10 linhas (Times New Roman 10 pt.).

Palavra-Chave: Inserir no máximo 5 (cinco) palavras-chave (Times New Roman 10 pt.).

ABSTRACT

Inserir o Abstract, que não deve ultrapassar 10 linhas (Times New Roman 10 pt.).

Key words: Inserir no máximo 5 (cinco) palavras-chave (Times New Roman 10 pt.).

INTRODUÇÃO

Insira aqui a introdução. O artigo para ser submetido à apreciação deverá ter no máximo 20 páginas, contendo Resumo, Abstract, Introdução (que incluirá a revisão da literatura), Desenvolvimento Experimental (representando o Material e Métodos utilizados no desenvolvimento do estudo), Resultados e Discussão, Agradecimentos e por último as Referências Bibliográficas. A figura 1 mostra.....



Figura 1. A Revista Interação é uma publicação do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS-MG.

O arquivo contendo o artigo poderá ser enviado para o e-mail interacao@unis.edu.br, aos cuidados dos coordenadores da Revista Interação. Outra forma de envio é pelo correio convencional. Desta forma, deverão ser enviadas anexas 2 (duas) cópias em folha A4, onde as seções terão margem 2,5 cm, acompanhadas dos respectivos disquetes contendo os arquivos como descrito acima. O texto deve ser digitado em MS Word versão 97 ou 2000, com fonte Times New Roman, tamanho 12 e entrelinha 1,5.

Equações matemáticas serão enumeradas em ordem cronológica de sua inserção no texto, como segue. O tamanho das letras contidas na equação deverá ser de 12pts..

$$R = \frac{Go.d_p}{\mu} \tag{1}$$

EXPERIMENTAL

Insira aqui subtítulo, se houver.

Insira aqui o texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Insira aqui subtítulo, se houver.

Insira aqui Resultado e Discussão.

¹ Informações adicionais sobre o(s) autor(es) e local(is) onde foi realizado o trabalho

CONCLUSÕES

Insira aqui as conclusões.

AGRADECIMENTOS

Insira aqui os agradecimentos.

NOMENCLATURA

Insira aqui os símbolos de acordo com os modelos:

G_o - vazão mássica do gás [kg/m^2s]

F - Força

g - gravidade - (Para/sobrescrito)

p - pressão - (Para/subscrito)

BIBLIOGRAFIA

Sugerimos que as bibliografias apareçam no texto de acordo com os seguintes padrões:

- A Revista tem como objetivo a interação de nossa comunidade científica. (MARTINS, 2000)
- Ling et al (1996) mostram os seguintes resultados....
- Melo (2000) mostra que a revista Interação é uma boa idéia....
- A Caracterização (Ling et al., 1996) mostrou...
- Os dados apresentados (Lyle, 1985) mostram que....

As bibliografias devem ser apresentadas em ordem alfabética.

Artigos (mais de um autor):

LING, R., YOSHIDA, M. and MARIANO, P.S. Caracterização estrutural., J. Org. Chem, 61, p.4439, 1996.

Para Patentes:

LYLE, F.R., U.S. Patent 5973 257, 1985.

Livros:

MONTES, A., COSENZA, E., GIANNETTO, G., URQUIETA, E., MELO, R.A., GNEP, N.S. and GUISETI, M. en "Mesoporous Molecular Sieves" (L Bonnevot, F., Béland, C. Danumah, S. Giasson and S. Kaliaguine, Eds.), Thermal Decomposition of Surfactant in Mesoporous MCM-41 Type Solids., *stud. Surf. Sci. Catal.* Elsevier, The Netherlands, 117, p237, 1998.

Anais de Congressos em CD-ROM:

MELO, R. A., BATISTA, M.S., URQUIETA-GONZALÉZ, E. "Atividade Catalítica de Peneiras Moleculares H-A1 SiMCM-41 na Isomerização do m-Xileno"., Congresso Brasileiro de Engenharia Química - COBEQ., Águas de São Pedro-SP, anais em CD-ROM/2000.

Dados obtidos através da Internet:

BATISTA, M.S., qualidade de café, obtido via Internet, <http://www.csw/itm/literatura>, 1997.

Filmes e Gravações em Vídeo:

JOHN, K. Chicago: Emerson Film Corp.: Dist. Encyclopaedia Britannica Films, 1950. 1 bobina cinematográfica. (18 min): son., color., 16 mm.

Fotografias:

KOBAYASHI, K. Dança dos Xavantes. 1980. 1 foto: color; 16x56 cm.

Entrevistas:

- Não publicadas:

SILVEIRA, U. Entrevista concedida a Neide Lehfeld. Ribeirão Preto, 20 out. 1999.

- Não publicadas:

BERGER, R. Dinheiro não é tudo. Revista Veja, São Paulo, 32; 26, 30 jul. 1999.

Como inserir Figura no Texto:

Para colar uma figura no texto, proceda da seguinte forma:

- 1 - Copie a figura, selecione a figura mais a legenda ou a figura mais a próxima linha.
- 2 - Posicione o cursor no lugar de "Inserir aqui figura, posição desejada"
- 3 - Cole a figura usando a opção colar especial / figura (em Editar), desmarcando a opção flutuar sobre o texto.
- 4 - Colar (OK):



Figura X. Faça parte desta idéia.

Como inserir tabela no texto

As tabelas devem ser apresentadas após o título:

Tabela X. Inserir a tabela desejada após o título.

Amostras	T1p (ms)	106,3	84,9	75,7	65,5
1406	---	4,1	3,0	3,1	1,9
454	---	2,6	2,8	3,1	3,1
RB-59	----	4,4	3,2	3,5	3,0

Inserir aqui notas necessárias

Esse guia foi preparado para facilitar o seu trabalho. Para monografias, resenhas, contos ou poesias, você deverá adaptá-lo. Sugestões serão bem vindas para melhorarmos ainda mais a nossa Interação.

ASSINATURA

A solicitação de assinatura poderá ser feita através do e-mail *interacao@unis.edu.br* ou envio dos dados abaixo para realização do seu cadastro. Os assinantes receberão no endereço indicado, com toda comodidade, dois exemplares anuais da Revista INTERAÇÃO. No entanto, em momento oportuno, será solicitado o pagamento de uma taxa de R\$10,00 (dez reais), como anuidade, para sua manutenção.



DADOS PARA ASSINATURA DA REVISTA INTERAÇÃO

Nome: _____

Instituição: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ UF: _____

CEP: _____ - _____

Fone: (____) _____

e-mail: _____

Data: ____ / ____ / ____



Av. Cel. José Alves 256 - Vila Pinto
Varginha - MG
CEP: 37010-540
Site: <http://interacao.unis.edu.br>
e-mail: interacao@unis.edu.br

interação

Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão



Av. Cel. José Alves, 256 - Vila Pinto - Varginha /MG
CEP 37010-540 - (35) 3219-5267
<http://www.unis.edu.br>
<http://interacao.unis.edu.br>
interacao@unis.varginha.br